



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: SANDRA SANTANA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 01 DE DEZEMBRO DE 2022

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Boa noite a todos e a todas.

- Manifestação do público.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Declaro abertos os trabalhos da 16ª Audiência Pública de 2022 que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza hoje, em 1º de dezembro.

Esta audiência pública foi convocada para discutir a implementação da campanha “Sou Biblioteca Escolar” no município de São Paulo, conforme Requerimento CCJ 23/2022, de autoria do Vereador Professor Toninho Vespoli, e aprovado na reunião ordinária da Comissão em 21/09/2022.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida pelo *site* e pelo canal da Câmara Municipal de São Paulo, no YouTube, e que a realização desta audiência pública vem sendo publicada no *Diário Oficial da Cidade*, desde 23 de novembro.

As inscrições para participação do público ficaram abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo, desde 25 de novembro, devendo os inscritos pelo *site* participar pela plataforma *on-line*, conforme *link* enviado por *e-mail*. O público presente que desejar se manifestar deve se inscrever com a Secretaria da Comissão e cada inscrito terá três minutos para se manifestar.

Para compor a Mesa, convidamos a Sra. Karla de Oliveira Queiroz, representando o Sr. Fernando Padula Novaes, Secretário Municipal de Educação; Sra. Ana Cláudia Martins, Presidenta do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo – 8ª Região; e os Srs.: Fábio Lima Cordeiro, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia; Edson Gabriel Garcia, representando o mandato do Deputado Estadual Carlos Giannazi; Pascoal da Conceição, ator, dublador, produtor e diretor; e Tamiris Perugine Almeida, representando a Sra. Aline Torres, Secretária Municipal de Cultura. (Palmas)

Vamos fazer assim, falarão os componentes da Mesa, de cinco a sete minutos, mas primeiro os representantes da sociedade civil e dos conselhos, porque assim vai nortear a fala dos representantes do governo. Pode ser assim? Está bem.

Primeiro passo a palavra ao Gabriel, que está representando o mandato do Deputado Carlos Giannazi, porque ele tem outra atividade.

O SR. EDSON GABRIEL GARCIA – Boa noite a todos e a todas.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. EDSON GABRIEL GARCIA – Boa noite a todos e a todas. Obrigado pelo convite.

Nos meus bons tempos de diretor de escola, em que juntávamos de 300 a 400 alunos no pátio e sem nenhum microfone, eu dava conta de falar, por isso nem percebi que o microfone não estava ligado. Numa salinha como esta, seria “canja”.

Eu quero agradecer o convite feito ao mandato do Deputado Estadual Carlos Giannazi, que já entrou nessa briga desde um evento que fizemos na Assembleia Legislativa, em outubro deste ano, a partir de uma conversa que aconteceu na Bienal do Livro. Também quero cumprimentar todos os presentes e, cumprimentando o Vereador Toninho Vespoli, estendo esse cumprimento a todos vocês, aqui presentes.

Eu conversava um pouco com a Ana Cláudia e dizia que tem muito mérito nessa luta. É uma luta que vem de muito tempo e que passa muito pelos bancos escolares, pela questão da escola, como nós entendemos uma escola. E eu do alto dos meus – ou do baixo – 73 anos, já passei por tantas reformas de ensino e em nenhuma delas, salvo engano meu, privilegiou essa questão da biblioteca escolar.

Em São Paulo, tem um programa de altíssima qualidade, que tive o prazer, em 83, de dar o nome definitivo e a cara desse programa, chamado Programa Sala de Leitura e que, no ano que vem, completará 40 anos, mas é uma coisa diferente e intermediária, uma coisa pré-biblioteca escolar. E alguns órgãos governamentais se apoiaram nesse conceito de sala de leitura, que eu acho precisa ser discutido, algum dia, mais com profundidade. Eles se apoiaram nisso e, quando muito, aprimoram, mas nunca abriram definitivamente para discutir a questão da Biblioteca Escolar em uma escola. Parece redundância, mas não é: Biblioteca Escolar em uma escola.

E todas as reformas, eu como professor desde o início da década de 70, quando chegaram os guias curriculares, os verdões, depois os temas transversais, visão de programação; todas essas últimas reformas, todas elas – e é um vício da intelectualidade brasileira que se põe a fazer reformas das escolas –, priorizam reformas via currículo, que entendem que a reforma da escola, com vistas a uma pretensa qualidade, se dá apenas e exclusivamente pela via do currículo.

Então, troca-se uma disciplina, põe outra, inventa um nome, puxa outro, moderniza aquilo, tira, troca, aumenta a aula de um, põe a aula de outro – não sei quê – muda o nome, não é mais tema transversal, é tema interdisciplinar, essas coisas todas, e nos esquecemos de que na ponta, com a questão do currículo, que é um pouco a cara da escola, você tem o equipamento e quem vai tocar os projetos pedagógicos, que são os trabalhadores da escola, todos, e os equipamentos.

Eu me lembro muito, de muito tempo atrás, quando a Erundina foi prefeita em São Paulo e eu tive oportunidade de estar na administração, na Secretaria da Educação, com a equipe do Professor Paulo Freire e depois o Mario Sergio Cortella; nós chegamos a discutir interdisciplinarmente com os arquitetos, que montavam os prédios das novas escolas, um espaço para Biblioteca Escolar. Foi um governo curto, a gente não conseguiu implementar tudo, mas tivemos atuações bastante interessantes e nunca se comprou tanto livro para as escolas como naquela época. E a gente não conseguiu avançar nesse sentido de ter, já na arquitetura da escola, um espaço com plaquinha e tudo, com nome, CIC, RG e fotografia chamado Biblioteca Escolar.

Então eu entendo que se nós estamos tratando de Biblioteca Escolar, nós temos que discutir no paralelo a questão da escola. Não dá para discutir qual é a cara da escola sem tangenciar essa questão da Biblioteca Escolar.

Sempre por causa dessas coisas, agora, por exemplo, estamos discutindo a reforma do ensino médio, não sei quê, chama isso, chama aquilo, itinerários formativos. Os nomes são bonitos, nos encantam e tal, mas é mais ou menos parecido com a história da mosca azul. A

mosca azul é linda, maravilhosa, mas quando se abre a mosca azul, morta, ela é tão nojenta como qualquer outra mosca.

Então a gente discute muito essas coisas, parafernálias, esses nomes, esses encantamentos, esses falsos encantamentos e a gente se esquece muito que um projeto de escola passa decididamente por uma boa estrutura, por um bom equipamento e, dentro desse bom equipamento, cabe uma Biblioteca Escolar.

Podemos, em outra ocasião, até discutir o que comporta hoje uma Biblioteca Escolar, quer dizer, ela é só uma biblioteca? É só para livros? Ou comporta outros suportes também, outros meios? Qual é a função desse bibliotecário ou dessa bibliotecária escolar que vai ocupar esse espaço e o que é que ele vai fazer lá nisso que entendemos que é a grande sacada da questão da leitura, que é a mediação da leitura. Você precisa ter o livro, o espaço e a mediação. Sem a mediação, o livro não passa de um punhado de papel, de outra coisa qualquer, adormecido em uma estante. Um livro fechado significa nada.

Nós tivemos a Lei 12.244, aprovada em 2010, que em nenhum momento ela arranhou, em nenhum momento ela incomodou nenhum governante. Nenhum governante se preocupou com isso, em nenhum momento. E continua não se preocupando. Na rede estadual de São Paulo, que é a rede maior, do estado mais rico, e que veio com uma série de mudanças, todas elas inócuas, sem muito sentido, sem atingir a realidade que grita aos nossos olhos; nenhuma delas sequer tocou na questão do espaço da escola. As escolas estaduais, de modo geral, estão caindo sobre os seus próprios escombros e a gente não faz uma mudança se não tiver uma estrutura. Não adianta eu poder fazer uma cirurgia a *laser*, por videolaparoscopia, se na hora do vamos ver falta um gerador, falta um equipamento, falta eletricidade, falta iluminação, enfim, falta a questão estrutural. E para a gente também falta isso, além do problema de livros, que ultimamente vem caindo muito a questão da compra.

Então quero deixar para reflexão nossa que não se faz uma escola de qualidade, não se pode pensar em uma escola de qualidade sem uma Biblioteca Escolar e sem um bibliotecário escolar. Vamos discutir depois o que é que cabe nesse espaço e qual é a função desse

bibliotecário e dessa bibliotecária, mas não se pode pensar em um projeto de educação que não traga a valorização desse espaço.

Nós estamos vivendo hoje com muita dor esse desmerecimento do conhecimento, esse negacionismo das ciências, do conhecimento; esse tratamento rasteiro que a educação vem tendo e as consequências nós estamos vendo aí, as cabeças vazias, ocas, gritando alucinadamente como Geraldo Vandré já cantava, no “Caminhando e Cantando” – me fugiu o verso agora – algo assim: “morrer pela pátria e viver sem razão”.

Então acho que nós precisamos abrir essa discussão *pari passu* com a discussão da escola. Não dá para eu falar de Biblioteca Escolar, “Sou Biblioteca Escolar” se eu, antes, não fizer uma discussão de qual é a cara dessa escola que vai comportar, agasalhar essa Biblioteca Escolar.

E eu sou um militante da leitura, ao lado do meu trabalho com o Giannazi na política eu sempre trabalhei por essa questão da leitura, em todas as escolas onde eu passei como professor ou como diretor. Na última delas, na escola Carlos de Andrade Rizzini, em Santo Amaro, onde eu me aposentei como diretor, eu saí e deixei um espaço amplo com aproximadamente 12 mil livros, numa escola pública, municipal de São Paulo. Eu sou um militante disso, sempre acreditei na questão do livro e, sobretudo, na questão da leitura. A leitura como um espaço que me permite ver a vida, entender a vida, de me posicionar como sujeito histórico do meu tempo e lutar para que as coisas melhorem.

Eu acho que essas coisas passam certamente pela escola e passam por uma escola gabaritada e entre outras coisas o gabarito da escola é também determinado pela presença de uma Biblioteca Escolar.

Trago e deixo aqui o abraço do Deputado Carlos Giannazi para vocês. A Ana Cláudia sabe que o nosso espaço na Assembleia está aberto. Nós iniciamos uma luta lá chamada Escola sem Biblioteca não é legal, que é uma brincadeira com a legalidade de uma lei que existe, mas que não vem sendo cumprida. Deixo o espaço e o contato nosso para sempre estar presente com vocês nessa luta.

Depois, no final, Ana Cláudia, você aproveita e convida todo o pessoal para o nosso evento no CRB8, na Vila Mariana, para um primeiro evento de lançamento de livros. Ao lado dessa minha trajetória de militante pela leitura, eu tive o prazer de escrever e publicar mais de 70 livros de literatura infantil, juvenil e, esse último, sobre política, faremos o lançamento na sede do Conselho Regional.

É isso. O nosso mandato tem prazer de estar com vocês nessa luta e nos colocamos à disposição. Eu acho que o ano que vem, com certeza, poderemos abrir o ano, fevereiro ou março, com o evento na Assembleia nessa luta que é substantiva para todos nós.

Obrigado. Vou pedir licença, porque nós do mandato estamos num evento exatamente hoje, agora, no Teatro de Contêiner e eu estou indo para lá com a Cris. A Ana Cláudia já sabia disso, já tinha avisado. Desejo sucesso e que as coisas possam caminhar de forma bastante interessante nessa questão.

O Brasil está por ser feito, ou ser refeito, e cabe a nós engrossarmos as fileiras dessas lutas. Obrigado. Boa noite a todos e a todas. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Edson. Agora escutaremos as palavras da Ana Cláudia, que é presidente do Conselho Regional do Estado de São Paulo.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Olá. Boa noite a todos, a todas e todes.

Gostaria de saudar a Mesa e o Vereador Professor Toninho Vespoli, que protocolou a presente audiência. Agradeço-lhe, também.

É com alegria que represento os bibliotecários e bibliotecárias do Estado de São Paulo. O CRB-8 participa hoje da audiência pública da Câmara Municipal da cidade de São Paulo, para reforçar a campanha das bibliotecas escolares “Sou biblioteca escolar”.

Apesar da Lei 12.244, de 2010, que regulamenta que todas as instituições de ensino públicas e privadas do Brasil tenham bibliotecas, a história do Brasil ainda é bem diferente. Das 188 mil escolas, 98 mil, ou 55%, não têm biblioteca escolar ou sala de leitura. Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP.

A ausência de bibliotecas escolares agrava os indicadores de analfabetismo funcional, além do desempenho escolar, já que a leitura é fundamental para o acesso ao conhecimento. A falta de bibliotecas também impede histórias como a da escritora Luciene Müller, que conheci por ocasião da Bienal Internacional do Livro, quando o CRB-8 e o CFB lançaram a campanha “Sou biblioteca escolar” e movimentaram o principal evento literário da América Latina.

Hoje, eu peço a licença poética para ler trechos do livro dessa escritora, intitulado *Colo invisível*. Só para que entendam, na infância da escritora Luciene Müller, ela era uma menina que morava nas ruas e foi a biblioteca pública que fez toda a diferença na vida dessa menina, que hoje é uma conceituada escritora. São trechos. A história da Luciene é: ela fugiu de casa aos quatro anos de idade, por uma questão de violência doméstica. A mãe faleceu. O pai ficou deprimido. Casou-se com uma pessoa e ela recebia toda a violência. A madrasta até jogou óleo quente nas costas dela. Ela fugiu de casa aos quatro anos e foi moradora de rua. Foi a biblioteca pública que a acolheu. Então, eu ia ler os dois capítulos, mas, para não ficar muito extenso, eu vou ler alguns trechos que vão tocar bem no que estamos lutando, pela questão de termos bibliotecas, porque as bibliotecas são responsáveis, sim, pela formação social, intelectual e de cidadania de uma população.

O título desse capítulo é *Uma biblioteca pública como lar*.

“Em partes do dia, enquanto eu não estava procurando o que comer, era a minha alma que pedia alimento. Assim, eu entrava naquela biblioteca, que mais parecia a minha casa, com a frequência de uma moradora. Não ter um lar favoreceu a minha busca por um ambiente seguro a frequentar. Imaginem um espaço público que tem o poder de transformar. A biblioteca era uma casa que me acolhia, limpa, silenciosa e composta por estantes, mesas redondas, cadeiras, janelas envidraçadas, escadas de madeira, com degraus encerados e escorregadios, instrumentos pedagógicos e lúdicos e aqueles objetos que mudariam o meu destino: os livros. Coloridos, volumosos, pesados e em diferentes tamanhos, os livros aguçaram muito o meu interesse. Como Jean-Paul Sartre disse, eu havia encontrado a minha religião. Nada parecia

mais importante do que um livro.

É claro que no início eu não entendia nada do que lia. A interpretação não era imediata. Não distinguia, ainda, o vocabulário dos autores. Minha atenção estava voltada ao objeto, ao brinquedo, ao lúdico, que vinha na manipulação dos livros, em tirá-los das estantes e folhear cada um, na descoberta das ilustrações. A graça estava na pirâmide montada com aquelas peças e na queda posterior, quando se espalhavam pelo chão ou pelas mesas.

Eu já sabia escrever o meu nome, porque meu pai havia me ensinado, e eu o repetia diariamente nas diversas listas de presença e participação das atividades da biblioteca pública. Quanto à leitura, eu a desenvolvi com a ajuda das funcionárias e folheava tudo que eu via pela frente: revistas, livros, jornais, leituras que foram capazes de mudar a minha trajetória.”

Essa parte que ela traz é esse papel importante que a biblioteca teve na vida dela, nessa construção de que eu acabei de falar.

“Estantes e literatura:

Incrível é a presença do conhecimento num ambiente como este. Como pode ser transformador! Crescer na biblioteca nos anos da minha alfabetização foi minha salvação. Eu não sei exatamente a idade que eu tinha, mas acho que foi dos cinco aos nove anos – mas parece que foi a vida toda. Agradeço por essa experiência, apesar de todas as adversidades. Houve muita sorte e muita coragem.

Uma funcionária da biblioteca, a Ursulina, mostrava-me livrinhos infantis e revistas durante o dia. Ali, descobriram o que fazer para impedir a minha invisibilidade. Quanto mais eu lia, mais a minha curiosidade aumentava e eu perguntava a respeito. Todas as pessoas com quem eu convivia nesse hábitat percebiam que eu era sozinha, esperta e entusiasmada em descobrir, ainda que faminta.”

Ou seja, ela tinha fome, mas ela tinha também fome de saber, de querer conhecer. Isso é lindo.

“Histórias como a da Cinderela e a da Branca de Neve me faziam imaginar que eu também era uma princesa, que a tristeza era normal, mas um dia podia acabar. O hábito da

leitura adquirido nesse cenário desenvolveu meu senso crítico.”

É isso o que sempre falamos, não é?

“E contribuiu para a minha sobrevivência, apesar de, até hoje, a leitura me confundir com tanta informação, considerando, contudo, um ganho enorme: esse hábito me fazia refletir sobre a minha existência a todo tempo.

Nos anos que vivi na Biblioteca da Vila Maria, ela era dividida – uma parte voltada para o público infanto-juvenil, que tinha como patrono Pablo Neruda, e a área para adultos, que era uma homenagem ao poeta Álvares de Azevedo, que, apesar de ter tido uma vida muito curta, deixou a obra de extrema importância. Tenho, com carinho, a biblioteca como um lugar gostoso, único, de onde tenho muitas lembranças boas, fortes e importantes.

Entendi cedo que precisava mudar a minha situação – e não falo só da fome, mas também de curar os meus medos. Enquanto eu crescia indefesa e confusa, seguia lendo jornais. Com os olhos arregalados, entrava na biblioteca pública e procurava respostas, conhecer, aprender, entender, explicar, aparecer. Percebi, lendo, que nenhuma situação extrema pode nos impedir de evoluir. Podemos mudar as perspectivas futuras e lutei para não fazer parte de estatísticas tristes. Porém, não sou vingativa. Eu me reinvento. Não me permito cair nem parar. Tenho certeza de que ler fez toda a diferença para isso e participar das aulas de teatro, também.”

A arte salva, não é?

“Vi o que eu não queria ser. Vi que era bonito saber ler e escrever e valorizei coisas que muitos não valorizavam. Você se acostuma, no cotidiano difícil, de estar sem casa, sozinha, a fugir de tudo e de todos. Apesar disso, foi possível ir além do que esperavam de uma menina de rua, apegando-se aos autores de livros e escritos que não me conhecem nem nunca ouviram falar de mim. Busquei saber sobre eles. Pesquisei suas obras, suas ideias. Com isso, chamei a atenção, ao abrir a boca e citar trecho de notícias diárias, poesias e frases filosóficas, na rua e na biblioteca – e, depois, na escola, no trabalho e na vida. O conhecimento e a cultura me transformaram em alguém. Tornei-me o que sou, curiosa e socrática. Não sei nada e pensam

que sei. Pessoas passaram a me ver e tornei-me visível. Respeitam-me. Olham-me nos meus olhos e, mesmo com anos passados, eu ainda me surpreendo com isso.”

E há uma parte do capítulo *Colo invisível*, de que eu só vou ler a última parte.

“Eu moraria na biblioteca para sempre, mas confesso que, desde que saí das ruas, não coloquei os pés no seu interior. Lá dentro, tem algo mágico que eu não queria quebrar. A minha relação com esse local é muito forte e eu sei o motivo. Diariamente, após andanças no bairro e com a imaginação aflorada pelas vontades de comer e estudar com outras meninas, eu voltava para a biblioteca. Pulava o muro e, quando anoitecia, minha vontade de mãe aumentava. Sonhava que estava protegida, que ela lia e assim eu adormecia no seu colo invisível.”

Eu acho emocionante. Ela pulava o muro da biblioteca e ficava dormindo. Era o lugar de acolhida dela, não é? Como vocês viram, essa história real foi possível por benefícios de uma biblioteca e de seus bibliotecários e bibliotecárias, que acolheram essa criança. Há essa função social que equipamentos como bibliotecas têm.

Por isso, deixo aqui um desafio a todas as autoridades presentes. Só por estarem aqui, hoje, sabemos que se preocupam com a educação. Invistam em bibliotecas escolares estruturadas, equipadas, com bom acervo e profissionais qualificados, pois vocês vão perceber que elas trazem um grande impacto positivo de aprendizagem à vida das pessoas. A educação, a leitura e as bibliotecas são grandes aliadas na luta para aplacar a violência. Em países onde a educação é forte e se investe em bibliotecas, os números da criminalidade também são reduzidos.

Viva a biblioteca escolar! Viva as bibliotecas públicas! Viva os bibliotecários e bibliotecárias, que fazem esse trabalho tão lindo! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Sra. Ana, pelas suas reflexões. Você nos emocionou bastante, com certeza.

Agora, vamos escutar o Sr. Pascoal da Conceição, já que é ator, até para engatar um pouco no que a Sra. Ana já nos trouxe.

O SR. PASCOAL DA CONCEIÇÃO – Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa, trago as palavras do Mário de Andrade, quando saiu do Conservatório Dramático e Musical para ser Diretor do Departamento de Cultura e criar a primeira biblioteca.

Cultura: quando falamos de cultura, sempre se queixam, porque faltam hospitais ou porque a situação financeira não permite luxos. De uma proteção à cultura sempre desconfiam. Por quê? Porque ainda não se percebeu em nossa terra que a cultura é tão necessária como a comida e que uma fome consolada nunca jamais equilibrou nenhum ser, nem felicitou qualquer país. Nós não sabemos sequer muito vagamente o que faz a realeza, a grandeza da pessoa humana sobre a terra e nos falta verdadeiramente convicção do que seja a grandeza da criatura humana. Nós não estamos convencidos de que a cultura é tão necessária como a comida e essa é a nossa mais dolorosa imoralidade cultural.

Essas palavras do Mário me tocam bastante profundamente, porque eu acredito que o grande combate que nós teremos, realmente, para equilibrar o que vem pela frente vai ser no campo da cultura. As questões da economia vão estar no campo da cultura. As questões da saúde vão estar no campo da cultura, como vimos o que aconteceu. Todas as questões da sociedade vão para o campo da cultura e, nesse sentido, eu me sinto honradamente convidado a participar como ator, a ilustrar, a trazer o teatro brasileiro, nessa luta.

Enquanto eu estava vindo para cá, meu pensamento era o seguinte: vou chegar lá, encontrar pessoas que eu já conheço, com quem eu já convivi um pouquinho. Vou falar alguma coisa e vou falar um poema do Mário de Andrade. Era o que eu estava pensando, mas, na verdade, eu estava agradecido, porque, um ou dois anos atrás, lá, na frente da Monteiro Lobato, em uma manifestação eu estava presente, pela manhã – em que encontrei vocês todos, inclusive, o Vereador Professor Toninho Vespoli, a Ana e tal. Era uma manifestação em defesa da Monteiro Lobato, em defesa da biblioteca. Alguém – não saberia dizer quem – me disse o seguinte: “Olha, quando vocês, artistas, estão presentes na manifestação, a manifestação fica mais bonita.” Eu pensei: “Pelo menos, a minha presença, aqui, como ator, vai trazer uma

contribuição, uma beleza estética, desse gesto que é criar biblioteca nas escolas de São Paulo, do Brasil e do mundo todo.” Então, venho muito agradecido a esse propósito.

Por fim, ainda nas palavras do Mário de Andrade, nesse discurso para os estudantes, depois de falar muitas coisas, ele diz o seguinte: “não vos convido à ilusão, porque eu sou o primeiro a substituir o vinho alegre de qualquer cerimônia pela água salgada da realidade. Nem muito menos vos convido à conformista esperança, porque eu vos quero alterados por um tropical amor ao mundo. Eu vos trago o convite da luta”. Mario de Andrade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O Pascoal é muito modesto, como vocês já viram. Quem estava lá naquele dia viu que o depoimento dele foi o mais lindo daquele ato.

Tem a palavra o Sr. Fábio Lima Cordeiro, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

O SR. FÁBIO LIMA CORDEIRO – Boa noite a todos, todas e todes.

Cumprimento todos os parlamentares desta Casa Legislativa, em especial, o Vereador Toninho Vespoli, pela autoria do requerimento desta audiência pública; e saúdo os bibliotecários e bibliotecárias presentes, professores e professoras, mães e pais que participam conosco desta audiência, seja presencialmente ou virtualmente.

Vim com uma fala preparada, com um discurso mais formal, mas diante dessas falas, eu fico até com vontade de deixar minha assessoria com vontade de me matar. Mas não vou fazer isso, não, eu vou ler o discurso que preparei porque, apesar de ter um formato mais formal, vem ao encontro com o que já foi dito.

No histórico do Vereador Toninho Vespoli, tem essa marca pela luta em defesa do povo da periferia, que é uma decisão corajosa que todos e todas que aqui estamos somos convidados a fazer. Em 2015, foi publicado um livro do Papa Francisco, onde consta uma frase que sintetiza bem essa escolha de combater a letargia e o conformismo: “Estar na periferia ajuda a ver e a compreender melhor, a fazer uma análise mais correta da realidade, sendo avesso ao centralismo e às abordagens ideológicas”.

Se a gente ousar em sair do perímetro do nosso condomínio e nos dirigirmos além das fronteiras seguras, qual realidade comum que salta aos nossos olhos, seja em Brasilândia, na zona Norte da Capital, ou em Sapopemba, na zona Leste da cidade mais rica do Brasil? Lá encontraremos, com riso escancarado, a ausência inclemente do Estado que gera fome nos barracos, pais desesperados e crianças nos semáforos.

E, após algumas saudações em troca de olhares, perceberemos que pelas ruas e vielas desse mundo, até então ignorado, vive gente que sonha, que deseja e que atua por dias melhores, exatamente como nós, valendo-se do que está em posse para sobreviver a uma guerra em que o descaso são as armas mais potentes.

Penso que todos nós compartilhamos da certeza de que a educação é o único caminho possível para reduzir as desigualdades que marcam tão vergonhosamente a sociedade brasileira, inclusive na cidade de São Paulo.

Nesse contexto de grandes desafios, há de se destacar o papel da biblioteca como um equipamento pedagógico poderoso, afinal a biblioteca é uma ferramenta excepcional. Ela pode colaborar para alcançarmos as três dimensões da educação propostas pelo grandioso e tão necessário Paulo Freire: a alfabetização de adultos, o diálogo entre educação e política e uma filosofia aberta para o novo.

Em relação ao primeiro aspecto, não podemos esquecer que são quase 11 milhões de cidadãos com 15 anos de idade, ou mais, não alfabetizados. No Estado de São Paulo, 4,3% da população não sabem ler e escrever. Mais grave é a situação do analfabetismo funcional, ou seja, mesmo sabendo ler, a dificuldade de compreender e interpretar textos e ideias e fazer operações matemáticas. Estudos estimam que até 29% da população brasileira seja analfabeta funcional.

Esse quadro lamentável só pode ser enfrentado com o incentivo à leitura já na primeira infância. A biblioteca possibilita o contato das crianças com os livros e outras fontes de informação, inclusive de forma lúdica, recorrendo a uma série de metodologias ativas, o que permite o desenvolvimento crítico e cognitivo dos futuros adultos.

Mas a importância da biblioteca escolar vai além da capacidade de apoiar os estudantes na decodificação de códigos linguísticos. Ela oferece produtos e serviços elaborados pelos bibliotecários, em parceria com os professores, auxiliando jovens e crianças na compreensão de sua própria história e otimizando a atuação deles enquanto sujeitos políticos.

Finalmente, a biblioteca escolar é um organismo vivo, sempre aberta para novas experiências que ampliem o desenvolvimento crítico em relação às pautas que afetam a vida das pessoas. Por sua natureza humanista, a biblioteca combaterá, junto à sala de aula, toda forma de violência, como: xenofobia, racismo e homofobia, valorizando a empatia e a responsabilidade social e ambiental.

Apesar de toda essa relevância, o fato é que muitos de nossos filhos, primos e amigos frequentam escolas sem bibliotecas, o que é uma flagrante desobediência ao que dispõe o ordenamento jurídico: a Lei 12.244 de 2010 obriga todos os sistemas de ensino do País a criarem e a manterem bibliotecas em suas escolas e o prazo de uma década garantido na lei para que os responsáveis cumprissem o disposto já venceu em 2020, então cá estamos nós exigindo medidas sérias, nesse caso, na cidade de São Paulo.

Recentemente, o CRE-8 – Conselho Regional de Economia da 8ª Região – apoiado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, lançou a campanha #Sou Biblioteca Escolar durante a 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, uma campanha que busca justamente levar à sociedade civil essa discussão e não ficar apenas restrito ao âmbito dos envolvidos em biblioteca e leitura.

A presente audiência tem o mesmo propósito. Queremos dialogar com todos os atores políticos e a sociedade civil. Desse modo, além da atividade fiscalizatória junto aos estabelecimentos de ensino já realizada pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, pretendemos enfatizar sobre maneira o importante papel da biblioteca na trajetória dos nossos jovens e crianças.

Ao mesmo tempo que desejamos da parte dos pais que exijam o pleno funcionamento da biblioteca na escola onde matriculam os seus filhos, queremos exigir que o

Município de São Paulo respeite o que é de direito dos alunos, dos professores e de todos os demais atores da comunidade escolar que, por sinal, foi um direito conquistado a duras penas.

Congratulo-me com a Câmara Municipal de São Paulo pela sensibilidade de tratar dessa pauta tão importante e urgente e conte sempre com o apoio do Conselho Federal de Biblioteconomia para fomentar essas discussões e sugestões de ampliação e implementação da Lei 12.244.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O Fábio traz dados alarmantes quando fala dos analfabetos funcionais e tudo mais. Essa tem que ser uma preocupação dos professores, dos bibliotecários, do Poder Público, porque é inadmissível. Uma sociedade não chega a canto nenhum em uma situação dessas.

Vamos apresentar um vídeo e, ao término da apresentação, terminam as inscrições para as pessoas se pronunciarem.

Estive recentemente conversando com o Secretário Adjunto da Educação. Foi uma reunião de três horas em que nós levamos duas bibliotecárias dos CEUs, onde falamos com o Secretário sobre alguns temas das bibliotecas. Um dos temas é sobre o concurso, que chamará mais 15 bibliotecários.

Nós falamos o seguinte: nós, da Educação, como professor, quando entra na Prefeitura, nós vamos para a zona Sul, porque lá que está a maioria dos contratos. Só que depois eu posso me remover, então nós achamos justo se os bibliotecários também pudessem escolher o local, porque senão os novos que chegam, muitas vezes, terão condições de pegar lugar de trabalho mais perto da sua casa do que os que já estão no sistema. Isso é injusto, porque as pessoas que já estão no sistema têm uma expertise. Então, o Secretário ficou de pensar sobre esse assunto e conversar também com o Secretário de Gestão.

Outra coisa que nós levamos a ele, que eu acho que é importante, é a luta para ter uma biblioteca em todas as unidades escolares. Mas, para vocês verem, as bibliotecas ligadas à Educação não têm uma estruturação igual tem as da Secretaria de Cultura. Isso causa alguns

impasses. Mesmo com uma portaria que fala que há uma relação entre as duas Secretarias, na prática, quem está no sistema sabe que na Secretaria da Educação é uma formatação e tem uma deficiência muito grande.

Eu já levei isso para três Secretários. Agora o Secretário Adjunto Bruno Lopes me prometeu que ele vai se debruçar sobre isso. E eu confio no Bruno, porque tudo o que nós levamos até ele foi tratado com muita seriedade por ele e com as coisas que ele se compromete. Então, eu acredito que vamos conseguir, pelo menos, abrir a discussão nas Secretarias para conseguir melhorar esse sistema.

Tratamos de outros assuntos, mas não vou falar para não tomar muito o tempo, porque a intenção desta audiência é mais escutar. Mas eu queria até, depois, na fala das representantes da Secretaria, falar um pouco sobre o tema.

A Lei 12.244, a lei de universalização das bibliotecas escolares, determina que todas as instituições de ensino do País, públicas e privadas, deverão desenvolver esforços progressivos para constituírem bibliotecas em acervos mínimos de um título para cada aluno matriculado, ampliando esse acervo conforme a sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, orientação e funcionamento das bibliotecas escolares.

Então, eu queria saber das Secretarias se elas estão tomando essas medidas para conseguirmos efetivar o que está disposto nessa lei, ou pelo menos se já começou algum tipo de discussão nas Secretarias, mesmo se for algo para o futuro.

A referida norma estabeleceu um prazo de 10 anos para o seu cumprimento, prazo esgotado em 25 de maio de 2020. O último levantamento feito sobre o efetivo cumprimento dessa lei ocorreu em 2019. Na época, ainda faltava um ano até o término do prazo da efetivação da lei e apenas 63,09% das escolas possuíam bibliotecas ou salas de leitura.

Fazendo um adendo, a grande maioria são salas de leituras implementadas nas unidades escolares. Esses 63% podem até parecer um nível alto, mas temos que considerar que 55% pelo menos são salas de leitura, e não bibliotecas.

Em um levantamento feito no Estado do Paraná, antes da pandemia, nos 399

municípios existentes, constatou-se que apenas 19 municípios desses possuíam bibliotecas, o equivalente a 4,76% do total dos municípios. Apenas 96 municípios têm $\frac{3}{4}$ ou mais de suas escolas com bibliotecas ou salas de leitura, o equivalente a 24,06% do total; e ainda 13 municípios sem apenas metade de bibliotecas por escola, representando 32%.

Estamos fazendo essa discussão também de outros municípios para termos uma ideia dos dados, porque essa campanha é a nível nacional, não só no Município de São Paulo. Então, dá para ver a gravidade da situação no Brasil.

O projeto de lei de 2018, a Lei 9.484, que tramita na Câmara dos Deputados, pretende alterar a Lei 12.244 para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares. O projeto reconhece em seu texto de justificação, em relação à Lei 12.244, que passados oito anos da lei ainda tenhamos muitas escolas desprovidas de bibliotecas ou salas de leituras e que a mesma não trouxe nenhuma penalidade ou sanção pelo seu descumprimento.

O Conselho Federal de Biblioteconomia, em complemento à Lei 12.244, emitiu a Resolução CFB 199/2018, em 03 de julho de 2018, para dispor sobre os parâmetros a serem adotados para estruturação e funcionamento das bibliotecas escolares.

Em 05 de dezembro de 2021, a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o PL 4.003/2020, que altera a Lei 12.244 estendendo o prazo da universalização das bibliotecas escolares. Inicialmente, a data limite seria 2020, mas com a alteração o prazo passaria a ser 2024. A prorrogação do prazo foi justificada pela pandemia da Covid-19. Porém, até o presente momento, a propositura não mais avançou no Congresso, também nenhum projeto de implementação da universalização das bibliotecas foi adotado pela União através do Ministério da Educação.

Diante dessa situação, enviei por intermédio da Câmara Municipal de São Paulo uma indicação ao Congresso Nacional para estabelecer, o mais breve possível, um novo prazo para a universalização das bibliotecas, bem como sugeri a criação de alguma espécie de sanção aos entes federados que desobedecerem a essa nova data.

Vou apresentar o vídeo e depois passamos a palavra aos representantes das Secretarias.

A SRA. ANA CLAUDIA MARTINS – Você falou de sala de leitura. E é legal a gente definir o que é sala de leitura e o que é biblioteca. Na sala de leitura, alguns professores fazem trabalhos incríveis dentro da sala de leitura, só que depois que acabou o horário dele, ele fecha a porta da sala e o acervo fica fechado. Já a biblioteca escolar fica aberta para atender aos alunos e normalmente, aos finais de semana, atende a população, a comunidade. Então, são duas coisas totalmente diferentes. Sala de leitura é o local onde o professor desenvolve um trabalho com os alunos, e biblioteca é o local onde tem livros, o bibliotecário, que trabalha na formação dos alunos como pesquisador, tem um senso crítico.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Só queria complementar uma coisa, que eu acho importante, porque eu sou professor e convivi em sala de leitura desde o Estado, na Prefeitura e na rede municipal de São Bernardo do Campo. A sala de leitura é uma atribuição daquela sala. Se o professor consegue pegá-la continuamente consegue fazer um trabalho continuado, mas não é isso que geralmente acontece. Então a descontinuação de um trabalho é ruim, tanto que uma das coisas que a gente briga bastante é que se consiga fixar o professor ou quadro de apoio na unidade escolar, porque isso faz uma diferença enorme para a qualidade do ensino. Isso aconteceria se tivesse uma bibliotecária concursada que ficasse naquela unidade, porque faria um planejamento de pequeno médio, longo e prazo. Fica muito difícil de acontecer, por exemplo, na sala de leitura.

O SR. FÁBIO LIMA CORDEIRO – Gostaria de corrigir, Toninho que você falou aí. A Revolução 199, foi revogada. A atual é a 220, de 2020 do Conselho Federal de Biblioteconomia, que determina parâmetros para bibliotecas escolares. Foram parâmetros baseados em grupos de estudos de bibliotecas escolares da Universidade Federal de Minas Gerais, que é um grupo que estuda, fortemente, as definições o que é uma biblioteca escolar que, praticamente, quase tudo é adotado pelo Conselho Federal. Apenas para atualizar que não é mais a 199, é a 220.

O SR. PRESIDENTE (Toninho Vespoli) – Obrigado Fábio. Vamos agora ao vídeo.

(Pausa)

NÃO IDENTIFICADA – Boa noite a todos, todas e todes. Há uma necessidade realmente que nós possamos dar continuidade a essa luta pela biblioteca escolar e agora, especificamente, na cidade São Paulo.

Para explicar, rapidamente, o Conselho Regional de Biblioteconomia pela Comissão Temporária de Bibliotecas Escolares, cujo coordenador é o Marcos, e que hoje não pôde comparecer, por isso que eu estou fazendo essa apresentação. A Comissão está fazendo uma pesquisa sobre as bibliotecas escolares, inicialmente as bibliotecas das escolas públicas. Esse é um retrato inicial, apenas dos primeiros resultados. A pesquisa está em andamento. Não temos, ainda, os resultados finais. A informação que eu tenho é que já foi repassado para todas as escolas e agora vai precisar, então, elaborar tabulação, análise e fazer toda essa parte. Mas, aqui, já dá para ter uma ideia, infelizmente, da situação das bibliotecas escolares no estado de São Paulo.

- A oradora passa a se referir a imagens exibidas em tela de projeção.

NÃO IDENTIFICADA – Por favor. O objetivo, como eu comentei, levantar as condições da existência de bibliotecas escolares. Inicialmente, como eu comentei também, em escolas públicas.

Por favor. A metodologia foi o envio de questionários para os diretores das escolas. Obviamente que inicialmente a adesão foi muito pequena. Aí foram realizadas ligações para cada escola pedindo, por favor, que aderissem para, realmente, a gente ter um panorama de como estavam as bibliotecas. Então foi feito isso.

Os critérios não foram todas as escolas, pelo menos nesse inicial, cidades com população com mais de cinco mil pessoas, com mais de 400 alunos e, pelo menos, 5%. Então começava a ligar, ligar, até ter 5% daquela região. Para vocês entenderem existe uma divisão que já é adotada pelo Governo do Estado de São Paulo. O Estado é dividido em 16 regiões administrativas. Então começou por algumas regiões.

Por favor. Então, as escolas estaduais são divididas pelas regiões administrativas. Já foram realizadas em algumas cidades - não vou ficar lendo, acho que dá para vocês acompanharem.

Por favor. Na escola existe ou não existe ou sala de leitura ou como essa situação. Realmente é um absurdo. O que a gente vê, é um horror, que não existam bibliotecas, nem salas de leituras, nenhum tipo de cuidado com a leitura, com essa parte toda que a gente está analisando.

Por favor. Aí está o percentual de salas de leituras e bibliotecas. Lembrando que isso é Estado de São Paulo, pesquisa inicial, naqueles municípios que passaram, anteriormente.

Por favor. Quais as áreas que as bibliotecas possuem. A gente percebe que tem alguns dados, também, serviço técnico e administrativo, enfim! Têm várias informações.

Por favor. Em relação a aquisição de acervo, como é que estão as informações. Podemos perceber que os diretores, na maior parte das vezes, fazem essa aquisição e a Secretaria de Educação faz a outra parte. Os responsáveis pelas maiores partes. Por favor. Organização do acervo, não é realizado, praticamente, porque ele é realizado por pessoas que são leigos a situação. Vou passar, rapidamente, depois se vocês tiverem alguma dúvida a gente pode entrar em detalhes.

Por favor. Serviços oferecidos. Orientação de pesquisas existe sim, mas de uma forma, não estudada. Vamos assim dizer. Porque o professor não tem a mesma disponibilidade, não tem a mesma capacitação do que um bibliotecário teria em relação a como realizar uma pesquisa. Não estou, de forma alguma, falando que professor não sabe fazer pesquisas. É que a maior parte dos professores não tem essa capacitação. E bibliotecário tem isso o tempo inteiro dentro do curso.

Finalizando. Têm alguns depoimentos de alguns diretores. Esse, por exemplo: Biblioteca no ambiente escolar é de suma importância. Apesar de todo acervo digital e book multimídias, um livro em sua simplicidade, pode ser aberto, lido em qualquer local ou horário sem a necessidade de outras tecnologias. Falando de forma geral, o profissional bibliotecário deve

ser aquela pessoa com qualidade para arquivar, conservar o acervo, fazer todo o controle sobre o fluxo e uso dos materiais do ambiente de leitura.

Vocês podem até perceber, isso é um diretor falando. Entende mais na organização. Não no incentivo cultural, incentivo de leitura que é que realmente o plus, vou assim chamar, que nós enquanto profissionais bibliotecários, podemos dar andamento.

Por favor. Depois, a biblioteca é de fundamental importância para a escola, pois nos possibilita o desenvolvimento de diversas ações de leitura com alunos e alunas, além de ampliar o repertório dos nossos discentes. O profissional bibliotecário é possível deixar os livros em circulação, mas não só - outra vez eu retorno aquilo que eu falei anteriormente - existe um viés equivocado em relação ao profissional bibliotecário.

Por favor. E tem mais essa fala. Gostaríamos muito de ter um profissional que ficasse responsável pela biblioteca. Atualmente não temos um profissional para essa finalidade. Quem toma conta da biblioteca são os professores, funcionários, coordenadores, gestores e o Grêmio Estudantil.

Por favor. Por último, tem essa fala do Marco Antônio, que infelizmente hoje não pode estar aqui. É isso gente! Então existe sim, uma opinião equivocada a respeito do fazer do bibliotecário pelos professores, não porque eles não saibam. Eles não têm a intimidade de conviver. Porque se tivesse intimidade de conviver, com certeza teriam mais intimidade em saber como fazer. Professor tem uma finalidade, bibliotecário tem outra finalidade. Da mesma forma quando você vai no médico, quem atende no hospital, é um médico, advocacia. Todas as profissões liberais, porque o bibliotecário é um profissional liberal. É isso que eu gostaria que entendessem, principalmente, professores para não achar que nós estamos - nós enquanto bibliotecários - estamos desfazendo dessa profissão. De forma alguma. Cada um tem sua função. Se todos trabalhassem juntos, realmente, nós teríamos resultados bem melhores. Inclusive, a Ana, em algum comentou, que em cidades onde existem bibliotecas, centros culturais até a criminalidade diminui. Então é um remédio para se evitar alguns problemas. Muito obrigada.
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Toninho Vespoli) – Passo a palavra a Sra. Tamiris, da Secretaria da Cultura.

A SRA. TAMIRIS PERUGINE ALMEIDA – Boa noite a todas e todos.

Cumprimento a Mesa, em nome da nossa querida Ana Claudia, parabenizando o movimento “Sou biblioteca escolar”.

Mas, preciso dizer que eu sou bibliotecária na cidade de São Paulo, porque estamos falando de Secretaria de Cultura, onde eu trouxe alguns dados. Inicialmente, estávamos conversando, antes da comissão, onde eu tive uma fala, de falar com muita consciência, dos dados positivos e das necessidades que a gente enfrenta no quesito biblioteca, adesão e público nas nossas bibliotecas. Temos uma clara certeza de que estamos sempre nessa construção, porque a gente fala sobre algo que precisa ser sempre pensado e repensado. A gente tem o que se espera do moderno, das adaptações, das adequações, enfim.

Início falando de algo que dentro da Secretaria de Cultura, na gestão Ricardo Nunes, foi muito cobrada, que é contratação de novos bibliotecários e AGPPs que estão para início de exercício em janeiro, porque a gente não estava com a questão orçamentária prevista para 2022, mas sim, já vai estar em exercício no começo de janeiro, sendo 40 bibliotecários e 15 AGPPs, os agentes administrativos que fortalecem e ajudam. Dentro da Secretaria de Cultura nós temos alguns dados. Vou falar daquela parte dos dados – meio chato - depois a gente fala de outras coisas para complementar e enriquecer o debate.

Nós temos 54 bibliotecas na cidade São Paulo, além de ter nossa Biblioteca Mário de Andrade e o Centro Cultural São Paulo, onde as atividades nos centros culturais que tem a biblioteca, além de ter Centro Cultural São Paulo, mas dentro dos nossos centros culturais e até algumas casas de cultura onde tem bosque de leituras, salas de leituras, enfim. Nós temos a atividade viva em fazer com que a biblioteca pense e repense na questão de requisito de público. Temos vários dados a isso. Por exemplo, nós temos o sucesso da retomada da Bienal do Livro, este ano ainda, porque estamos finalizando-o, é ainda este ano, onde entregamos 80 mil livros. Foi uma parceria das gestões. Um trabalho intersetorial de rede com a Secretaria da Educação,

fora outras atividades que tivemos relacionadas até com outras secretarias para a gente estar sempre carimbando uma gestão inclusiva, uma gestão descentralizada e uma gestão para todos.

Isso foi feito na nossa Bienal do Livro, foi feito no nosso Festival Mário de Andrade, onde foram feitas várias atividades e conquistamos um público que continua crescente. Então a gente vem de uma pandemia onde, infelizmente, tivemos espaços públicos fechados E um deles, obviamente, era biblioteca porque tudo que demandava a questão do toque, do contato. E a partir dessa retomada até hoje, a gente tem um aumento de público que é o que mais importa para gente no quesito cheirar um livro, fazer uma pesquisa e toda a questão do impacto social e conexões, tanto no ambiente de conhecimento e aprendizagem, mas tudo que envolve a questão ler, literatura, livro, leitura, afetividade e tudo mais.

Apresento-me, também, não só como Assessora da Secretaria de Cultura, estou falando em nome da nossa Secretária Aline Torres, mas sou professora da rede municipal desde 2008. Não sou só gestora pública, faço essa parte, sei dessa importância e reforço, nós temos na Secretaria de Cultura a biblioteca, os espaços e o entendimento do que é literatura. Cito para vocês algumas atividades que nós fazemos porque consideramos a literatura como uma programação artística, ela é viva. Em todos os eventos de grande escala ou não, nós temos acervos disponíveis sempre, constantemente, para todo nosso público-alvo, para toda a população. Nós temos atividades de intervenções artísticas por meio de livros, cito um que eu achei muito, muito lindo em meio ao nosso mês da Consciência Negra, que nós fizemos muitas coisas bacanas.

Nós estávamos com a programação da Praça de Cultura, que era para atingir as crianças. Foi uma viradinha cultural infantil. E quando a gente fala dessas atividades nas praças, realmente a gente tem uma gestão descentralizada. Então nós temos todas as atividades em todos os lugares e com a qualidade para estar em todos os lugares, em todas as regiões.

Fiz o trocadilho de que a Cultura tem a biblioteca na cidade de São Paulo, porque temos essa abertura de livre expressão, de trazer a sociedade, as iniciativas, os projetos da sociedade no que tange à literatura para estar em todos os meios e uma das iniciativas que a

gente achou fantástica foi o movimento de saraus, professores, vários coletivos, que estavam fazendo intervenção com crianças de maneira muito lúdica, muito encantadora, de dizer: “Oi. Você gosta de ler? Escolhe um livro. Ah, você não gosta de ler? Mas vamos pensar num livro, juntos? Procura aqui.”

E essas intervenções, com certeza, fizeram muitas crianças pegarem um livro, ficarem sentadinhas. Às vezes tinha atividade de artes plásticas, outras coisas, e elas trocaram aquilo por um momento, pegaram aquele livro e entraram naquele mundinho encantado.

A Secretaria de Cultura está sempre à disposição. O nosso orçamento, no setor de bibliotecas, já foi atingido 93% este ano, então estamos caminhando. E reforçamos que sim, estamos sempre de portas abertas para a população, para a sociedade, para que a gente fortaleça todas as atividades.

E, claro, já falei para a Ana Cláudia e falo para todos e todas aqui presentes, estamos em apoio à nossa #Sou Biblioteca Escolar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Tamiris. Agora vamos escutar a Karla, que é a representante da Secretaria de Educação.

A SRA. KARLA DE OLIVEIRA QUEIROZ – Olá, boa noite. Boa noite a todes, todas e todos. Eu sou a Karla, represento a Coordenadoria Pedagógica da Secretaria de Educação de São Paulo e sou uma das coordenadoras do Núcleo de Sala e Espaço de Leitura da Secretaria.

Nós temos também grande parceria aqui. Você falou da Bienal. Nós temos alguns projetos e eu acredito, Ana, como você disse, que as salas de leitura ficam sob responsabilidade dos professores. Acredito que a gente tem que unir esses dois profissionais, o professor da sala de leitura e o bibliotecário. Eles têm funções diferentes e são espaços também diferentes.

Há bibliotecas nos 56 CEUs da cidade de São Paulo, com bibliotecários, os cargos, e nas escolas da nossa cidade têm as salas e os espaços de leitura. Nós também contamos com um acervo grande de livros. Tivemos a nossa maior compra no ano passado, uma compra de sete milhões de livros para os nossos estudantes, que estão espalhados em 3.700 unidades educacionais.

Mas, além do acervo, o nosso papel mais importante, principal da Secretaria é a formação desse professor. Fazemos a formação mensal, os nossos eventos, e esse professor, hoje, é considerado um mediador de leitura. E os nossos professores estão também fazendo projetos literários por toda a escola. Temos mais de 700 projetos literários que envolvem também a comunidade. As crianças estão no contraturno. Os livros estão por toda parte da escola.

É bonito se ver. No dia 29, nós comemoramos os 50 anos da Sala de Leitura e o nosso programa, o nosso projeto, lendo esse livro, vi as professoras relatando a importância da literatura, hoje, nas escolas, com esse professor mediador. Ele não está ali apenas para dar uma aula de leitura, ele está mediando a leitura, fazendo o papel dele com os nossos estudantes, fazendo os projetos literários, sarau, *slam*.

Temos clubes de leitura e também estamos agora pensando muito no professor, não só o orientador da sala de leitura, mas o professor da nossa rede como um leitor. No ano passado criamos um Clube de Leitura: Leia, Professor! Leia, Professora! Estamos também encaminhando títulos para o público adulto da escola, não só o professor e a professora, como a equipe técnica, os funcionários da limpeza, da alimentação, da merenda escolar e, neste ano, está prevista uma compra também para chegar no ano que vem, pensando na literatura como um direito humano, essencial para a nossa vida, não é, poeta? Como você disse, a literatura é como o nosso alimento. Nós também acreditamos nisso.

Falando da Bienal, nós também voltamos neste ano com *voucher* dos professores e dos estudantes. Foram disponibilizados 60 reais para os professores, 66 mil professores da rede; e para 25 mil estudantes com *voucher* de 60 reais, incentivando esse projeto.

E estamos aqui abertos também. Essa parte mais técnica, nós vamos levar. Estamos aqui para ouvir vocês, para a gente levar para o nosso Secretário Fernando Padula e para o Bruno. Eles estão bem abertos. Nós estamos com muitos projetos de literatura e leitura nas escolas. Para o ano que vem, estamos pensando em mais projetos ainda, com o orçamento sendo aprovado, a gente já inicia em janeiro.

Então nós estamos aqui também abertos a ouvir e levar essa questão dos

bibliotecários para os nossos Secretários, tanto Padula como o nosso Adjunto Bruno.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. KARLA DE OLIVEIRA QUEIROZ – Obrigada. (Palmas) A Lu é minha parceira da Sala de Leitura e acho que ela quer complementar. Seja bem-vinda, Luciene.

A SRA. LUCIENE CIOFFI – Boa noite a todos, todas e todes.

Na verdade, tem dois pontos que eu queria falar. O Toninho disse que seria interessante que houvesse uma continuidade nesse trabalho.

Eu fui para OSL antes de estar na Secretaria, eu fiquei muitos anos na Sala de Leitura e eu fiz um levantamento. A gente tem tido essa continuidade, viu, Toninho. Isso nos deixou muito feliz. Nós estamos com professores há 18... A gente andou fazendo um levantamento por causa do documentário. Nós fizemos um documentário dos 50 anos da Sala de Leitura. Foi uma surpresa muito grata, a gente costuma dizer que o melhor lugar na escola é a Sala de Leitura e muitos professores estão há muitos anos. Essa continuidade está existindo e isso é muito bom, porque quando existe essa continuidade, o trabalho fica cada vez melhor. Então os professores de Sala de Leitura, realmente, estão.

E outro ponto que é muito importante a gente deixar bem claro é essa diferença de Sala de Leitura para Biblioteca. A gente não usa a Sala de Leitura como um ponto de pesquisa. A Sala de Leitura é aquele mundinho mágico em que o professor mediador, o Professor Orientador de Sala de Leitura, vai competir com esse mundo mágico, tecnológico, de mídias sociais e jogos e todas essas coisas maravilhosas que a criançada tem para despertar o gosto pela literatura literária. É isso o que a gente tenta na Sala de Leitura. É realmente despertar o gosto pela literatura literária.

Na Sala de Leitura, a gente tenta fazer essa mediação, apresentar essa diversidade, essa bibliodiversidade que a gente tem tentado contemplar ao máximo através dos projetos e a gente tem feito grandes parcerias com a Cultura, principalmente, e tem dado muito certo.

Era isso que eu queria complementar. Obrigada. (Palmas)

A SRA. TAMIRIS PERUGINI ALMEIDA – Eu vou fazer uma breve complementação,

porque é basicamente o que você falou, mas eu quero fazer um depoimento como professora.

Eu sou professora da rede desde 2008 e eu sou especialista, eu amo educação infantil, mas eu amo gestão pública, então em 2017, eu fiquei efetiva apenas na gestão pública.

E o que eu queria dizer realmente é um depoimento, até passou um filme de como eu era em sala de aula, eu como coordenadora pedagógica e como eram os nossos projetos. E quando eu falo de educação infantil, eu falo de criança de zero a seis anos de idade. E não tem como nós, professores, iniciar qualquer atividade, qualquer aula para esse mundo de zero a seis anos sem um livro.

E se a gente for comparar 2008 para hoje, está muita rica essa literatura. Nós temos acesso a todas as diversidades. Está completo em tudo o que a gente tem que abordar, do que é o nosso planejamento até no nosso ano letivo, mas com muita pluralidade, com muita construção, ouvindo-nos, atualizando também nos temas da sociedade.

Então, esse mundo é muito assim: para a EMEIs e CEIs, essas salas de leitura e os outros cantos de literatura são muito... Por isso que falei: parece que foi ensaiado. Mas eu estou dando um depoimento como professora mesmo da rede municipal de educação. É muito lúdico, é muito usado e é um dos cantos mais importantes da escola.

A última EMEI que eu fiz parte tem uma sala de leitura que é um canto de preciosidade, porque além de apresentar, porque quando a gente fala de educação infantil, nós estamos apresentando o livro, apresentando esse mundo literário para esse ser humano, que está iniciando a sua vida social, nós temos outros cantos. Por exemplo, nós temos uma sala de leitura numa área verde, onde tem uma árvore linda, com vários troncos, e a gente considera ter dois espaços de leitura nessa escola.

É só isso, gente.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. TAMIRIS PERUGINI ALMEIDA – Exatamente. Mas para a educação infantil, estou falando de uma EMEI, se a gente for considerar os lugares no entorno aonde se faz essa conexão, igual temos Casas de Cultura e Centros Culturais. Nesse território que eu estou

falando, as crianças têm uma ligação muito próxima a esses espaços. Temos sempre feiras literárias, tem muitas coisas conectadas a esse espaço, tem os CEUs também próximos e os passeios. Temos planejamento dentro da rede para ter esse acesso.

Tem que melhorar? Tem. Foi o que falei inicialmente, é sempre uma construção. A gente tem que entender a necessidade e construir junto.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado ao pessoal que representou aqui a Administração. Agora, nós vamos aos inscritos. Temos inscritos presenciais e *on-line*. O pessoal que está *on-line*, geralmente se inscreve, mas acaba só acompanhando e não fala, mas vou chamá-los, porque tem que chamar, é regimental.

Márcia Fonseca Simões. Está presente? (Pausa) Cristiane Cardoso dos Santos. (Pausa) Maria Cristiane Barbosa Galvão. (Pausa) Oscar Garcia. (Pausa)

Para a pessoa falar, ela tem que entrar no *link* enviado por *e-mail*. Se ela só estiver assistindo, não consegue falar. Se alguém quiser falar depois, é só entrar no *link*, avisa no *chat*, que a gente dá a palavra.

Christian Sznick, do Coletivo Cachoeirinha. (Pausa) Katia Cristina da Mata. (Pausa) Sandro Paes. (Pausa)

Agora vamos aos presenciais. A primeira inscrita é Vera Lúcia Stefanov, do SinBiesp.

A SRA. VERA LÚCIA STEFANOV – Boa noite a todas e a todos. Quero agradecer o convite, Toninho, Ana Cláudia, Fábio e a todos que providenciaram esta audiência pública que é muito importante.

Eu sou Vera Stefanov, Presidente do Sindicato dos Bibliotecários do Estado de São Paulo. O Sindicato é onde a gente recebe todos os problemas da categoria. Sou formada há mais de 40 anos e, nesse tempo todo, eu sempre vi e assisti esse tipo de eventos para a gente ter, realmente, tanto na área cultural quanto na área educacional, a colocação de bibliotecas, obviamente, com o bibliotecário.

Os Conselhos Regionais o que fazem? Eles fiscalizam o mau profissional que é para defender a sociedade desse mau profissional. Lamentavelmente, em alguns anos atrás, houve

um mandado de segurança, que é uma ação, junto ao estado de São Paulo, para que se cumprisse a legislação dos bibliotecários, para que tenha nas suas bibliotecas escolares a figura do profissional bibliotecário. Porque o professor, que faz o papel do bibliotecário nas salas de leitura, como é hoje, ele está infringindo uma lei, a lei que regulamenta a profissão.

Então, o que eu acho que deveria ocorrer seria somarem-se os professores em um movimento único. Por quê? Sala de leitura pode ser útil, obviamente. Agora, uma escola sem livro? Não dá. O professor sem livro? Não dá. O que é uma biblioteca dentro de uma escola, gente? A biblioteca dentro de uma escola não vai dar somente o livrinho, ali. Ela vai trabalhar em conjunto com o professor. O bibliotecário vai organizar aquele espaço, vai organizar aquela documentação, todo tipo de documentação que estiver ali, e vai trabalhar em conjunto. Também vai trabalhar em conjunto com os alunos. Não é o professor que tem de se preocupar com a sala de leitura. Não, é o bibliotecário profissional, que é formado para isso.

Vou dizer mais: há um projeto nosso, que já mandamos para vários governos, para que esta biblioteca seja expandida para a comunidade local, para se fazer, realmente, além da educação, também uma área cultural. Que o menininho vá lá ler o livro do Mário de Andrade e vá lá o Paulo para fazer encenação daquele livro. Isto é uma reforma educacional, de que nós precisamos. Deve-se ampliar o mercado de trabalho desta digna profissão, do bibliotecário, porque a sociedade também não sabe o que faz um bibliotecário.

Sabem por quê? Há 50 anos, quando eu fiz o meu ginásio e o meu colégio, eu fiz em uma escola estadual que tinha, lá, uma biblioteca muito bem formada, com bibliotecário. Então, eu conheci o bibliotecário, a profissão, já lá, no meu ginásio. Depois, a Secretaria da Educação, nas novas construções de escola, não contempla o espaço da biblioteca. Não contempla. Entenderam? Aí, usam-se as salas de leitura, que fazem parte da educação. É claro que uma escola tem de ter livro. Senão, também fecha. Está certo?

Então, o que eu quero dizer para vocês é que nós, do Sindicato dos Bibliotecários, representamos os bibliotecários e todos aqueles que trabalham em biblioteca. Os conselhos realmente defendem o mau profissional e, lamentavelmente, nesta toada, entra o professor, lá,

fazendo o papel do bibliotecário – que não é.

Agora, dentro do espaço de São Paulo, da Grande Metrópole, você tem, obviamente, boas escolas, com boas salas de leitura, com atividades, mas, se você for ao interior de São Paulo e do Brasil, você não vê isso. Eu já tive a oportunidade de andar em algumas escolas, já há um bom tempo. Eu descii umas escadinhas, em uma determinada escola, e lá estava cheio de caixas de livros, com rato, barata, água entrando, da chuva, tudo encaixotado. Onde está a biblioteca? Onde está a sala de leitura? Quer dizer, a realidade, gente, é muito, muito cruel em relação ao livro e à educação.

É preciso que nós também mostremos para a sociedade o que nós fazemos, o que se faz, porque, se a sociedade não sabe desde a tenra infância que dentro daquela escola há biblioteca com bibliotecário, o adulto, que não frequentou, não sabe e se formou, vai ignorar totalmente a nossa profissão e vai ignorar o que é realmente uma biblioteca.

Era isso o que eu gostaria de dizer e eu faço uma ressalva, Vereador Professor Toninho Vespoli, sobre as bibliotecas do estado, inclusive, e os bibliotecários que foram contratados pela Secretaria de Estado da Educação. Foram contratados, já faz uns quatro ou cinco anos, 97 bibliotecários. Para quê? Para atender à Lei 12.244. Esses profissionais não vão às escolas e implantam uma biblioteca profissionalmente. Esses bibliotecários ficam alocados na delegacia regional do ensino e eles vão a determinadas escolas, em um raio de uma região. Vão dar algumas instruções para os professores, de como tratar o livro na sala de leitura. Como é feito isso? Eu não sei. A única coisa é que eles são proibidos de entrar na sala de leitura. Eles ficam alocados ali, na delegacia da educação, e eles vão, com o próprio carro, com o próprio dinheiro, às escolas, para instruir quem? Os professores. Se essas salas de leitura têm alguma catalogação? Não sei. A única coisa que sei é que esses bibliotecários estão tão insatisfeitos que já não há mais 97. Deve haver 40, porque já saíram dessas escolas, pela insatisfação profissional.

Então, era exatamente sobre isso que eu queria dar o recado. O Sindicato dos Bibliotecários está à disposição de vocês. Para os profissionais, ou se querem mais informações,

estou à disposição.

Eu agradeço e parablenizo, finalmente, o Fábio, a Ana Claudia e todos que são dos conselhos, que estão em uma luta danada para que essa lei seja implantada de vez e seja cumprida, com penalidades, porque, se não há penalidade, não se vai nunca cumprir. Nós precisamos de um país mais evoluído e só se evolui, na minha opinião, pela educação, pelo livro, pelas bibliotecas e pelos professores.

É isso. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Sra. Vera. Eu a conheci na luta, na questão dos ônibus-bibliotecas, não é? Veio a pandemia e não havia muito sentido, já que as bibliotecas estavam fechadas, mas acho que isso é uma coisa em que se deveria pensar. Eu falo pela minha região. Por exemplo, eu moro em Sapopemba, lá, na periferia. A biblioteca mais próxima fica ali, pertinho do Jardim Grimaldi. Eu sou professor. Se você pegar escolas de um quilômetro e meio, por exemplo, do centro comercial, que é o Grimaldi, a molecada não sabe nem onde é, quanto mais onde fica a biblioteca, de um pedaço que ela não sabe onde é, porque quem mora na periferia sabe que as pessoas ficam no seu bairro. Elas quase não circulam para o outro bairro, principalmente a juventude ou a pré-juventude. O ônibus-biblioteca chega aonde a criança não consegue, às vezes, chegar, no bairro do lado. Não transita pelo bairro do lado. Então, o ônibus-biblioteca chega à ponta de uma necessidade. Eu acho que é uma coisa em que as Secretarias podiam estar pensando.

Outra coisa: quero agradecer à Secretária Aline, que está assistindo à nossa audiência pública, e à Sra. Fran, também. Agradeço, porque estão assistindo e acho que também vão ajudar a refletir sobre essas questões.

Quero só pontuar uma coisa: a SMC tem uma estrutura das bibliotecas, como eu falei, o que acho ser muito importante. Agora, acho que a SME tem duas discussões. Uma é sobre a sala de leitura. As pessoas estão aqui, vendo que tem um papel diferenciado daquele de uma biblioteca. Mudar a cultura, para que as pessoas sejam, realmente, pessoas leitoras, não é uma coisa fácil. Acho que aquela sala de leitura preenche isso, mas acho que também temos de

discutir as bibliotecas do CEU. Isso temos de discutir.

Vou dar só um exemplo. Uma das coisas que eu conversei com o Secretário foi o seguinte: vai haver uma compra de livros, agora, específica para as bibliotecas dos CEUs. Não entendemos por que não é a Coceu que está fazendo essa licitação. Aí, mandou-se um questionário para as bibliotecárias dos CEUs falarem dos títulos, o que elas estão sentindo, o que há a mais, de demanda. Uns querem blogueirinhos, o que todo mundo quer, mas há outros que são específicos, um pouco, da comunidade. Percebemos que o que está no edital, por exemplo, não contempla, quase, o que foi falado pelas bibliotecárias nos CEUs. Inclusive, conversamos sobre isso com o Secretário e ele falou que, se se confirmasse isso, mesmo, ele poderia até adiar esse edital, neste momento. Ficamos pensando nisso.

Assim, a falta de uma estruturação, igual tem a Secretaria Municipal de Cultura, causa equívocos. Aí, poderia estar eu lá. Se não há estruturação, às vezes, não vai sair uma coisa tão bem-feita, porque falta isso. Então, às vezes, não é nem questão de quem está lá, mas é de pensar um pouco essa estruturação e como isso pode estar conectado, cada vez mais fortemente, com a Secretaria Municipal de Cultura.

Antes de chamar a próxima oradora, que é a Sra. Adriana Ferrari, para se preparar, vou abrir a palavra para o Sr. Fábio, que me pediu.

O SR. FÁBIO LIMA CORDEIRO – Vou só corrigir, rapidamente, um negócio que a Vera falou. Acho que estava emocionada quando falou que o conselho fiscaliza só o mau profissional e depois ela acabou se equivocando, falando que o conselho defende o mau profissional.

Na verdade, os conselhos fiscalizam o exercício da profissão. Isso inclui leigos que não cumprem o requisito que está na lei, exercendo a profissão, e temos uma questão, como todo conselho profissional, de fiscalizar a ética do profissional, quando ele presta um mau serviço à sociedade.

É só porque ela falou e a frase ficou invertida. Aí, fiz questão de corrigir, pois o nosso foco é o exercício da profissão, inclusive, como ela bem falou, quando há profissionais de outras

áreas querendo exercer a nossa atividade profissional – querendo, não; caindo em uma situação que, às vezes, não é ele que quer e tudo, mas também somos obrigados. Tanto é que nossa lei tem uma coisa muito específica, que não são todos os conselhos profissionais que têm: fiscalizamos também o empregador. Então, não é todo conselho profissional que pode fiscalizar o empregador. A nossa permite que fiscalizemos, inclusive, o empregador. É por isso que às vezes temos tantas negociações com as Secretarias, com quem emprega pessoas, colocando pessoas não bibliotecárias à frente da biblioteca.

Era só para dar esse esclarecimento.

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sra. Adriana?

A SRA. ADRIANA CYBELE FERRARI – Boa noite a todos, a todas e a todes. É um prazer estar aqui. Agradeço ao Vereador Professor Toninho Vespoli, que tem sempre sido um incansável defensor da nossa pauta.

Minha fala, na verdade, são perguntas. Tudo bem?

É o seguinte: primeiramente, eu acho que aqui escutamos e há um consenso sobre a importância da leitura, da literatura. Então, eu vou pôr isso na pauta das bibliotecas, certo? Quero perguntar para a representante da Secretaria de Educação: a senhora mencionou que as salas de leitura estão fazendo 50 anos. Assim, como eu quero, no ano que vem, vir comemorar o primeiro ano das bibliotecas, eu queria saber qual é o plano para a instalação das bibliotecas escolares.

A segunda coisa: a senhora mencionou que 93% de recursos já estavam aplicados. Gostaria de saber qual é o montante de recursos que estão sendo aplicados.

Para a colega da Secretaria de Cultura, a senhora também deve saber: eu queria saber qual é o investimento que se faz em bibliotecas nesta grande cidade. A senhora também deve saber que existe um déficit muito grande de bibliotecas na cidade de São Paulo. Também gostaria de saber qual é o plano para mitigar esse déficit.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Faltam só mais três oradores para falar. Sr. Ueliton Alves, do Plano Municipal PMLLLB?

O SR. UELITON DOS SANTOS ALVES – Boa noite a todas as pessoas presentes. Eu me chamo Ueliton. Sou representante da categoria “Biblioteca” no Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca e estou aqui, com algumas demandas vindas de colegas que estão nas pontas, principalmente. Como o Vereador Professor Toninho Vespoli tocou na questão dos bibliotecários dos CEUs, hoje é uma discussão que tem passado pelo plano e é uma questão que eu tenho levado.

Primeiramente, eu queria dizer para os colegas das salas de leitura: eu também sou bibliotecário de formação e não estamos fazendo um processo de competição ou falando da não existência de salas de leitura. Esse não é o ponto. A questão que colocamos aqui é que, na atual circunstância, a existência de sala de leitura é algo feito de forma a burlar o cumprimento de uma lei. Aí, o que nos incomoda não é a existência das salas de leitura. Pelo contrário, é esse espaço, que é tão potente e que pode ser utilizado de diversas maneiras, ser usado para não cumprir com uma lei, que é a lei que está sendo discutida aqui, que é a implementação das bibliotecas escolares.

Tendo isso em vista, também precisamos pensar na diferenciação entre as tipologias de biblioteca. Aí, para falar de bibliotecas dos CEUs, eu não vou falar de biblioteca escolar, porque, dentro do entendimento da Secretaria de Cultura e do SMB, que é o sistema de bibliotecas, as bibliotecas do CEU são bibliotecas públicas. Então, a gente também precisa ter esse entendimento. E aí, tendo esse entendimento, a gente vai pensar que desenvolver coleções, por exemplo, é uma questão que, para cada espaço desse, vão ter de ser pensadas de uma maneira diferente. Biblioteca pública vai atender a todo público e a comunidade e as bibliotecas do CEU hoje tentam fazer isso, mas ainda não conseguem, porque existe um déficit, principalmente por parte do que o Toninho já aponto aqui, que é pela gestão da SME. Hoje, a gente sabe que as bibliotecas ligadas à Secretaria de Cultura possuem uma estruturação, inclusive de projeto e desenvolvimento de coleções, aquisição de assinaturas de revista. Existe

todo um projeto em que, talvez, existam algumas falhas e não vou entrar nesse mérito agora mas eu só queria entender o porquê, neste momento, a SME, que é a responsável pelas bibliotecas do CEU, não desenvolve o mesmo trabalho que a Secretaria de Cultura desenvolve. E, aí, os bibliotecários do CEU não têm participação no desenvolvimento de coleção; não existe um projeto de participação desses bibliotecários, de maneira mais efetiva, na administração desses espaços; e também a própria ideia de que esses espaços sejam espaços de cultura também é esvaziada, porque os bibliotecários, diga-se de passagem, pessoas capacitadas para trabalhar com produção cultural – a nossa formação estabelece essa possibilidade – também não têm participação nas demandas e na produção cultural que acontece nesses espaços. E, aí, acaba acontecendo que toda a demanda desse espaço, principalmente das bibliotecas dos CEUs, toda a programação vem da própria SME, com uma participação muito pequena dos bibliotecários. E, aí, a gente volta para um ponto que é o ponto relevante para a gente diferenciar tipologias, e que é: em uma biblioteca pública esse bibliotecário tenha a capacidade de fazer o que a gente chama de estudo de usuários e perceber como que esse entorno, como que esse território vai gerar demanda para a constituição desse acervo. E, aí, eu vou para a fala do Toninho, que é a lista, que acabo acontecendo um desrespeito com os colegas bibliotecários, porque muitos tiveram esse trabalho de elencar esses livros... Esse foi um acordo assumido com nós, do plano municipal, eu estava nessa reunião. E essa verba com que esses livros serão comprados, que vão para as salas de leitura... A compra não está sendo feita pelo Coceu. E, aí, os títulos são títulos que já foram comprados para as salas de leitura em anos anteriores e eles estão sendo adquiridos agora com uma verba acordada conosco, e que seria gasta com essa indicação feita por esses bibliotecários. Então, não só o descumprimento desse acordo, mas também a falta de respeito com o trabalho desses profissionais que desempenharam e desenvolveram o seu tempo e desenvolveram pesquisa para levantar títulos baseados nesse estudo de usuários, tentando compreender a necessidade do seu território. E, aí, vale a gente ressaltar que esses territórios e esses bibliotecários talvez sejam as pessoas que melhor entendam a discussão que a gente está fazendo aqui e eles são os que menos têm condição de

estar aqui hoje para pautar essas necessidades, porque eles estão nos extremos.

Para concluir e para trazer essa questão de como seria importante – e, aí, não na figura da Karla -, que a Secretaria de Educação nos desse essas respostas, do porquê dessa compra, esclarecer por que essa compra foi feita de maneira diferente; esclarecer também o porquê de os CEUs ainda não estarem cumprindo com a Lei 12.244, porque os CEUs precisariam ter uma biblioteca escolar, uma vez que as bibliotecas que existem lá não são bibliotecas escolares, são bibliotecas públicas e têm a função de atender a toda a comunidade e não só à unidade educacional. Embora ela esteja em uma unidade educacional, ela é caracterizada como uma biblioteca pública e isso difere em diversos pontos. Eu não vou aqui falar, porque não cabe, mas acredito, que todas as pessoas que estejam acompanhando esse debate, têm entendimento disso.

E, aí, por fim, trazer à tona outra questão que diz muito a respeito da SME nos CEUs, onde a gente tem um trabalho em que os 13 novos CEUs têm bibliotecários contratados e esses bibliotecários são contratados com um salário abaixo do piso estabelecido pela cidade de São Paulo, mas essas pessoas vão trabalhar dentro da estrutura da SME e também da estrutura da SMB, que é o Sistema Municipal de Bibliotecas. Pergunto se vocês não entendem que isso geraria um certo desgaste e até uma desmotivação para um profissional que entra em um espaço... Então, a gente pode falar de contratação de novos profissionais, mas a gente não pode esquecer de que essa contratação não pode acontecer a qualquer custo e que a gente precisa valorizar e respeitar o trabalho desses profissionais. Então, a minha colocação hoje é para a gente pensar nessa questão das bibliotecas do CEU; pensar e falar para os colegas que não existe uma disputa entre sala de leitura, biblioteca escolar e biblioteca pública, mas que é necessário um debate mais sério para a gente entender quais são as três funções que cada uma delas têm dentro da sociedade e, a partir daí, a gente conseguirá pensar nessa leitura que é um pouco... Que eu entendo a motivação de todo mundo e o ânimo, mas que hoje, aqui, a gente não consegue pensar a literatura dessa forma romântica, porque dentro de nossa concepção e de nosso trabalho, enquanto profissional da informação – bibliotecário – a gente ainda está tendo

de pensar em outros problemas que não permitem que a gente possa ver a literatura dessa forma romântica, dessa forma libertadora... A gente tem outros problemas e acho que esses problemas estão muito ligados a questões de políticas públicas, que podem ser resolvidas com participação popular, principalmente de profissionais que desenvolvem um trabalho nas pontas e que têm maior conhecimento e a informação, talvez, assertiva para que essa política possa ser desenvolvida de forma a atender as necessidades de todas as comunidades que estão no entorno dos espaços, falando principalmente dos bibliotecários do CEU.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Eu acho que as contribuições trazidas aqui são no sentido de as Secretarias refletirem, e podemos avançar. As pessoas, às vezes, me falam: “Nossa, Toninho, você é professor. Como que você entra em outras áreas e, geralmente, os projetos são bons?” E eu falo assim: “Porque eu escuto as pessoas envolvidas.” Quando a gente escuta as pessoas que têm conhecimento da questão, a gente já está com meio caminho andado. E a gente percebe o nível das pessoas, das contribuições aqui, nesta audiência pública, mas também quando a gente levou os bibliotecários para conversarem com o Secretário, o conhecimento. Eu tenho certeza de que o Secretário escutou coisas que eu acho que ele nunca havia percebido. Então, a gente tem de escutar e ir depurando; escutar várias pessoas e vários coletivos e profissionais, porque eu acho que a gente colabora mais.

Têm mais duas pessoas. Isabela Minelli, da OAB/SP.

A SRA. ISABELA MINELLA D’ANDRÉA – Boa noite a todas, todos e todes. Eu queria, primeiro, cumprimentar a Mesa.

Eu queria, também, agradecer muito o convite da CRB feito à OAB/SP para estar aqui somando nesta discussão. Eu acho muito importante a gente somar esforços e ter esses olhares multidisciplinares para pensar nessa política, que é tão importante, e que se relaciona com tantos direitos, que vocês já levantaram aí: o direito à educação, o acesso à informação, o direito à cultura, ao lazer, mas também aos direitos mais subjetivos, os direitos humanos, os nossos direitos a nos encantarmos, a estarmos ali em contato com esse universo que vocês

disseram, que é mágico – o universo das bibliotecas.

Eu estou aqui a pedido da Dra. Isabella Henriques, que é a Presidente da Comissão Especial da Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, da OAB/SP e a pedido também da Dra. Patrícia Vanzolini, que é a Presidente da OAB/SP. E eu gostaria de colocar a OAB à disposição de vocês, para seguir conversando, para seguir pensando junto nessa política, que é importante. E, aí, um relato pessoal que eu queria colocar. Eu, até então, não era muito próxima a este tema das bibliotecas, mas eu atuo muito próximo a uma biblioteca comunitária no Jardim Pantanal, no extremo Leste de São Paulo. Não sei se vocês conhecem, ela fica dentro do espaço Alana, que é uma organização não governamental, em que eu atuo também. E eu vejo diariamente o potencial transformador que essa biblioteca tem. Então, eu estou muito feliz por estar aqui e por conhecer mais essa luta. Então, para além da disposição que eu coloco aqui, a OAB e a Comissão da Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, eu também me coloco à disposição para seguir conversando com vocês e construindo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Isabela. A gente fica bastante contente com o empenho da OAB nessa questão e por ser uma entidade tão importante e que, com tantas outras, tem garantido a democracia neste país.

A próxima é a Jaqueline Almeida, estudante da FESP.

A SRA. JAQUELINE ALMEIDA – Boa noite a todas, todes, todos.

Eu gostaria de propor algumas reflexões, pensando aí nos 50 anos que as salas de leitura das escolas municipais vão fazer, e apelo para que, de repente, a partir agora desses 50 anos, que se repense o papel da biblioteca na escola. Digo isso porque, até agora, foi construído um projeto muito bacana, bonito, mas pensando que já tem dez anos da Lei das Bibliotecas Escolares, talvez o Município de São Paulo, que é o município maior, rico, deveria encampar essa importante lei e colocá-la em funcionamento nas escolas municipais, servir de exemplo. Tem de começar em algum lugar. Ser a vanguarda, servir de exemplo, já que tem toda uma estrutura; já que tem todo um programa de livros robustos que são comprados para as bibliotecas e salas de leitura.

Eu fui professora durante dez anos, na rede municipal de ensino. Agora estou me encaminhando para ser bibliotecária, estou em outra direção. Então, eu gostaria de fazer algumas colocações.

O professor da sala de leitura tem uma jornada de horas/aula de 25 aulas. Dentro dessas 25 aulas, ele tem duas horas/aula em que ele tem de se dedicar a cuidar do acervo. E isso, se a gente for pensar dentro de uma jornada semanal, é uma coisa muito pouca. A quantidade de livros que são comprados para suprir os acervos das escolas municipais é uma quantidade robusta, o programa é bem bacana. Mas o que a gente pode ver, se vocês forem às escolas, conversarem com os professores das salas de leitura é que eles estão sobrecarregados nessa questão de caixas e caixa de livros, que eles têm de dar entrada nesses livros, fazer esses livros circularem pela escola da melhor forma possível. A questão do empréstimo é sempre um imbróglio, porque não existe um sistema implantado, por conta de que não existe, aí, um profissional bibliotecário para poder atingir essas necessidades.

Eu não sei como está hoje. Eu acho que a representante da Secretaria de Educação poderia, talvez, fazer um comentário, mas em uma Secretaria tão grande como a Municipal, só existia uma bibliotecária à disposição da rede toda para poder fazer essa orientação de sala de leitura, sendo que existem, pelo menos, 13 diretorias regionais de ensino. Então, nem nas diretorias não existe um bibliotecário ali para amparar a sua região. Então, eu acho que são questões que a gente, de repente, nesses 50 anos, a gente pode... é um apelo para que se reveja esse papel tão importante das bibliotecas escolares.

Outra coisa que é bem bacana também de pensar, é que pelo menos, assim, até todos os últimos anos, o professor de sala de leitura não tem só o papel de fazer a magia acontecer, de ser a pessoa mediadora ali da leitura. Ele tem esse papel de poder cuidar do acervo em duas horas/aula durante a semana, e ele também – mediante portarias que sempre foram expedidas – tem um papel de orientar a pesquisa, tanto que, nos últimos anos, existiu na rede municipal uma tentativa de fazer um trabalho colaborativo autoral chamado TCA, para que se desenvolva a autoria nos estudantes, com trabalhos bem bacanas. E esse profissional, da

sala de leitura, ele até fazia uma composição de jornada com algumas horas para orientar esses estudantes. Ou seja, é um profissional que está sendo demandado de muitas formas e que, de repente, poderiam se somar esforços com o profissional bibliotecário, que tem toda essa *expertise* para cuidar do acervo, para direcionar as pesquisas. Ou seja, se joga, às vezes, muita responsabilidade em cima de um profissional da Educação, de um professor... O projeto, a ideia é legal, mas, nesses 50 anos agora, acho que é importante pensar que pode e deve ser aprimorada essa questão.

Então, esta é a minha fala que eu gostaria de deixar como reflexão para todos nós.

Obrigada, pessoal. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Jaqueline.

Agora, nós vamos voltar para a Mesa.

A SRA. ANA CLAUDIA MARTINS – Mediante tudo que foi colocado, das falas muito pertinentes do Ueliton e da Jaqueline, agradeço também pela OAB estar presente, de podermos fazer algo juntos para fortalecer essa luta, porque o que a gente está fazendo aqui é uma luta. Gostaria de saber quando nós poderíamos sentar para construir algo juntos. Eu tive uma reunião com um Promotor que falou que essa lei beneficiaria a minha categoria. Eu falei para ele: “Se tem um ambulatório, tem de ter médico. Se tem um escritório jurídico, tem de ter advogado”. Neste ano, a profissão de Biblioteconomia completa 60 anos de regulamentação. Então, se tem biblioteca, tem de ter bibliotecário.

Então, nós, aqui do CRB-8 em parceria com o CFB, que é muito parceiro, nós propomos de nos reunirmos a fim de construirmos algo para suprir essa demanda, porque será uma melhoria para a população, não será uma melhoria para a área da biblioteconomia, porque a nossa profissão – e de novo vou falar isso – trabalha com a construção social, educacional e intelectual. E, aí, eu até vou colocar aqui algo que eu peguei... Eu tenho algumas matérias e uma delas saiu em 2019, na *Folha de S.Paulo*: "Quando a escola tem biblioteca, o desempenho do aluno é melhor, mostra a pesquisa; impacto positivo é ligado à estrutura, à qualidade do acervo e à atividade pedagógica desenvolvida no espaço"

Hoje, como Presidenta do Conselho, quero sim firmar essa parceria de construção dentro da nossa capital. Era isso que eu gostaria de falar. (Palmas)

O SR FÁBIO LIMA CORDEIRO – Só a título de encaminhamento, porque acho que a proposta de uma audiência pública é, quando nós comparecemos para fazer essas discussões, justamente tentar sair já com alguns encaminhamentos.

Então eu gostaria de sugerir essa questão que a Secretaria de Educação pudesse propor um Grupo de Trabalho para conversar com profissionais da área em relação à implementação das bibliotecas escolares. Por quê? Nós vemos que o professor tem muitas ideias de sala de leitura, mas não tem técnicas, não tem expertise em relação a outra área que é a dos bibliotecários. E a lei é para todos. Lei se cumpre. Não é uma questão de "Ah, não posso; ah, não tem como". Lei se cumpre. E temos de fazer o melhor possível para que ela seja efetivada.

Vemos que as questões de distribuições de livros são importantes. Sim. São importantes. Temos discutido muito com o pessoal da FNDE, no Programa Nacional do Livro Didático, a participação do bibliotecário nesse tipo de programa. E temos tido resultados positivos desde junho, quando estivemos em Belém, no Encontro do PNLD, dos técnicos do PNLD.

Porque, vejam, não basta só distribuir livros. Não é jogar, de helicóptero, um bando de livros e a biblioteca se forma? Não. Você precisa ter a continuidade, a organização desse material, fazer com que aqueles livros circulem. Então não é simplesmente 'deixar tudo bonitinho, etiquetado', mas também programas que façam com que aquele espaço seja de inovação, de criação, de envolvimento do aluno e, como sempre, nós dizemos que, desde lá do PNLD, que o professor é parceiro. Além do que, sabemos que professor sempre sofre porque nunca tem gente para fazer nada, sobra tudo para o professor, mas, ainda assim, precisamos ter o apoio do professor nessa aproximação de novos profissionais.

Essa questão que a Aline trouxe, e eu achei muito legal, perdão não é Aline, esqueci seu nome, que a Tamires trouxe, de ter esse chamamento do último concurso, que também foi um esforço do CRB 8 para que ele fosse renovado e tudo., mas que não pode parar aí. Tem de ter programas que tragam essa questão da infraestrutura das bibliotecas; das salas de leitura

que é igualmente forte em São Paulo. Percebo que é muito uma tentativa de burlar a construção de bibliotecas, param ali nas salas de leituras. Portanto, acho que só vai evoluir se tiver a parceria de todos.

Achei interessante também algo que a Jaqueline falou que, às vezes, pelo que estou vendo, nem o espaço está automatizado, que é algo básico e simples.

Lembro-me de uma situação que eu vivi numa das visitas que fiz em bibliotecas que, como os livros não estavam organizados, eles não eram emprestados. E não eram emprestados por algo simples que é catalogar e classificar, que é o básico que fazemos. Daí, não tendo bibliotecário, não se fazia nem o básico para esse livro circular.

Então uma discussão em um Grupo de Trabalho seria um bom encaminhamento, poderíamos sair daqui para já levar à Secretaria de Educação já que estamos falando de biblioteca escolar, se bem que o Ueliton, ou Wesley, não me recordo, trouxe uma direção da Cultura, mas como estamos falando de biblioteca escolar... (Pausa) Ueliton, perdão, enfim, como estamos falando sobre isso, que fosse um compromisso da Secretaria Municipal dizer se tem condições ou não de se fazer esse grupo, aliás, tem de ter condições de se reunir esse Grupo de Trabalho para discutir essa questão. Acho que é isso.

Só finalizando, entendo essa situação do professor, mas também temos de pensar assim: não é porque a pessoa gosta de ler, que ela gosta dá conta de uma biblioteca; não é porque uma pessoa ama a leitura que ela dá conta de organizar uma biblioteca, ou mesmo mantê-la ou fazer todo o trabalho. Do mesmo jeito que eu gosto de correr e que gosto de malhar, isso não me faz um Professor de Educação Física e, por aí, vai, com todas as profissões.

Então só para finalizar essa questão de quem tem de ter: primeiro, a biblioteca - pois é um direito, que está na lei, para as crianças; e, depois, acompanhado disso, a presença dos profissionais, para que o serviço seja melhor prestado para a sociedade.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Fábio.

Agora as considerações finais do Pascoal.

O SR. PASCOAL DA CONCEIÇÃO – Neste ano se completam 120 anos do nascimento do Drummond de Andrade. Ele nasceu em 31 de outubro de 1902.

Estou ouvindo vocês falarem, e o Carlos Drummond de Andrade foi muito amigo do Mário de Andrade, muito companheiro, chapa mesmo, e escreveu livros maravilhosos. Foi ele, o poeta, que escreveu "Havia uma pedra no meio do caminho", graças a Deus "Tinha uma pedra no meio do caminho" que é um poema maravilhoso.

Mas ele escreveu um poema intitulado Mário de Andrade desce aos Infernos. E o que diz o poema? A história é a seguinte, o Drummond estava escrevendo um livro, *A Rosa do Povo*, e o livro já estava na gráfica para ser impresso, antigamente os livros eram impressos em linotipos - para quem conhece - e para quem não conhece, ao imprimir um livro, você ocupava a gráfica. Tinha até de imprimir rápido para reutilizar as letrinhas em outros livros.

O Mário de Andrade morreu subitamente, em 1945, no dia 25 de fevereiro, quando o Carlos Drummond pediu para parar a gráfica. Inclusive, o próprio Mário já tinha lido esse livro do Drummond. Então ele pediu para parar a gráfica, enquanto ele escrevia um poema para o Mário de Andrade. O diretor da gráfica perguntou por quanto tempo precisava esperar e o Drummond respondeu que seria rápido: "É rápido, só uma inspiração para escrever o poema".

Conto isso a propósito dessas coisas que ficamos pensando: "Quanto tempo vamos ter de esperar para que todas essas nossas aspirações aconteçam; qual é o tempo disso ou daquilo?" Quer dizer, temos aspirações, ambições, necessidades, mudanças e sempre pensamos quanto tempo vamos esperar para que aconteçam.

Bom, essa foi a pergunta que o editor, diretor, da gráfica, fez para ele: "Quanto tempo vou esperar você ter a inspiração para escrever e a gente finalizar o livro?" O Mário de Andrade morreu em 25 de fevereiro. Morreu num domingo e, naquele tempo, muitos jornais não saiam na segunda-feira e o Drummond só soube da morte do Mário na terça-feira. Até por conta desse propósito ele mesmo ficou no aguardo da inspiração. "E aí, inspiração, vem, vem, cadê, escreve, escreve".

Enfim, o livro foi lançado em junho de 1945. Só em junho de 1945, mas, antes disso,

por volta de abril, começo de abril, pressionado por tudo, por dinheiro, pelo editor, tudo, o Drummond fez o poema chamado Mário de Andrade desce aos Infernos e o poema começava da seguinte forma: "Mário de Andrade, daqui a 20 anos, eu farei o teu poema; e te cantarei com tal suspiro que as flores pasmarão e as abelhas, confundidas, esvairão seu mel. Mas, daqui a 20 anos". (Pausa)

"Daqui a 20 anos. Poderei esperar tanto o preço de uma poesia?" E ele responde a essa pergunta que faz no poema: "O que é preciso é arrancar da boca urgente, o canto rápido, ziguezagueante, feito da impureza do minuto e, de vozes em febre" - que vão à luta e golpeiam a sua alma desatinada - "que golpeiam essa viola desatinada no chão, no chão" - no chão! -. E, dali, ele escreve um poema que tem quatro páginas, chamado Mário de Andrade desce aos Infernos.

Então é preciso arrancar da boca urgente o canto rápido, ziguezagueante, rouco, feito da aspereza do minuto e de vozes em luta, em febre, que golpeiam a nossa viola desatinada no chão, no chão, no chão. Carlos Drummond de Andrade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora gostaria de chamar a Tamiris, mas antes quero dizer que ao falarmos da estruturação, no caso da SME, que não tem sobre a questão das bibliotecas do CEU, na conversa que as bibliotecárias tiveram, e isso foi falado para o Secretário, e o Secretário não disse que era diferente, eu saí de lá com esse dado como sendo verdadeiro.

E o dado é, para mim, meio estarrecedor, porque parece que, no sistema, onde vai se colocar os títulos, são poucas pessoas que têm o acesso. E me parece, e, pelo menos foi o que elas me disseram, que nenhuma pessoa é de bibliotecas dos CEUs. E, muitas vezes, ou quase sempre, os títulos comprados pelas bibliotecas do CEU não entram no sistema. Daí eu perguntei: "Ué, mas como você controla se o livro comprado continua na estante da biblioteca do CEU?" A resposta foi: "Cada CEU faz, mais ou menos, um puxadinho de catalogação". Elas disseram isso, o Secretário não falou que era diferente, para vocês verem como o sistema é necessário que seja melhorado.

Quando nós trazemos isso é justamente como preocupação, mostrando que essas coisas acontecem até como dinheiro público temos uma satisfação a dar à sociedade, portanto, tem de haver esses controles. Então como que isso acontece? Se está funcionando desse jeito?

Estamos nos propondo aqui, a Câmara Municipal e a sociedade civil, a pensar junto. Não estamos falando que está ruim e só isso, não estamos aqui só para ficar falando que está ruim. Não. Se há coisas a serem superadas, como vamos pensar juntos essa superação. Acho que é essa a ideia aqui.

Para terminar, então, vamos escutar a Tamires. Foram feitas várias perguntas, ela vai responder aquelas que tiver condições e, depois, a Carla pode falar.

A SRA. TAMIRIS PERUGINE ALMEIDA – Vou fazer a prestação e gostaria de iniciar dizendo que estamos falando de responsabilidade, de algo muito sério, então é importante entendermos que estamos falando na Gestão Pública Municipal, onde dizemos que as bibliotecas, de responsabilidade da Secretaria de Cultura, são 54, espalhadas nos bairros entre zona Leste e zona Sul, aliás Norte, Centro e ponto, mais 5 bibliotecas que temos no Centro de São Paulo.

Porque é assim: foram ditas muitas coisas, totalmente importantes, mas para nós entendermos e fazer a nossa prestação de contas do que é de nossa responsabilidade, precisamos considerar o que é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Educação, pois, tenho certeza, que a Carla também vai explicar, até em âmbito do que é uma EMEF e do que é uma EMEI, do que é uma CEI e, assim, dizer o que é responsabilidade de cada uma.

Dentro do que foi perguntado, na questão de orçamento, os 93% de orçamento que já foram gastos em 2022, quem disse fui eu, representando a Secretaria de Cultura. Então, nossa prestação de contas é dizer que, claro, obviamente, foi em requalificação de espaços, porque o ambiente das bibliotecas tem de ser muito propício e com uma estrutura agradável e, claro, sendo bem estruturado com funcionários qualificados, satisfeitos e preparados para atender toda a população.

Nós gastamos, até com recursos, vou citar algumas coisas sobre bibliotecas que foram reformadas em estruturas externas e internas, enfim, em termos de estrutura física temos em torno de 4 milhões de reais gastos entre 2021 e 2022 por conta de obras, e lembrando que obra não é algo rápido de se finalizar. Foram a Biblioteca Belmonte, Biblioteca Paulo Setúbal, a Biblioteca Cora Coralina, Biblioteca Helena Silveira, essas em questão de estruturas.

Quando falamos de compra de acervo eu falo da compra de acervos de livros para a biblioteca. Estamos falando da Secretaria de Cultura e, portanto, de todo o orçamento direcionado a livros como acervos das bibliotecas municipais da cidade de São Paulo. Entre elas temos gastos 620 mil 350 reais em questão de exemplares. Nós temos gastos também de quase 212 mil reais em assinaturas periódicas. E nós temos a previsão - falamos dos 93% do orçamento que é de responsabilidade das bibliotecas - do encerramento, dos cem por cento, com as compras que estão previstas para o final de ano para os livros destinados ao ano seguinte, que têm a compra de livros em 680 mil reais previstos; e das assinaturas 490 mil para estarmos nos atualizando. Isso em prestação de contas das bibliotecas da cidade de São Paulo, que são de responsabilidade da Secretaria de Cultura.

Entre outros orçamentos que temos, tem algumas coisas que fazemos até com custo zero em questão de atividades para o chamamento mesmo, e para todo esse encantamento que é importante, uma vez que temos uma realidade, e é uma preocupação nossa, por isso fazemos, constantemente, programação para incentivo e aumento dessas intervenções, por exemplo, o retorno dos Ônibus Culturais, ação que tivemos em 2022. E são de um custo gratuito, de uma oferta gratuito e isso também ajudou bastante a incentivar o acesso. E isso com bibliotecários.

Aliás, isso foi mesmo citado no começo, que é a necessidade de contratação de bibliotecários, do especialista para as bibliotecas, e vai começar já em janeiro por conta mesmo de previsão orçamentária. Temos, então, 40 bibliotecários e também 15 AGPPs que vão iniciar já no começo do ano.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. TAMIRIS PERUGINE ALMEIDA – Isso, 40 bibliotecários mais 15 AGPPs.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. TAMIRIS PERUGINE ALMEIDA – Exatamente, para as bibliotecas.

Falando um pouco, senhores, e que também é de responsabilidade nossa, pois estamos falando de uma gestão que trabalha intersetorialmente, até para termos uma sociedade, aliás, uma sociedade não, uma gestão que, realmente, olha para a nossa população, a Educação e a Cultura e outras Secretarias, como a de Direitos Humanos, Assistência Social se faz necessária andar juntas.

Então nós citamos, por exemplo, a Bienal do Livro, que é impossível fazer sem a parceria da Secretaria de Educação e de Cultura, mas também a gente fala do CEU, onde inúmeras programações e atividades a gente considera essa parceria. Porque, tanto a Secretaria de Cultura precisa do espaço do CEU, quanto a Secretaria de Educação precisa da Cultura. Dentro das bibliotecas dos CEUs a Secretaria de Educação está sempre solicitando atividades de programação, como a Vera elucidou, da importância de ter um poeta representando, declamando, então tem muitas contratações artísticas para essas intervenções, isso continuamente e de uma forma muito viva esse planejamento.

Respondendo ao que o Fábio falou, nessa questão da Secretaria de Cultura ter essa responsabilidade com as bibliotecas e a gente ter essa parceria, que tem que ser assim, porque estamos falando de uma única gestão, então ela precisa mesmo se falar, não tem que ficar separada em caixinhas, ainda mais falando de setores que precisam desse intelecto de construção, não é burlar, não! E sim nós temos trabalhos intersetoriais sempre. Isso enriquece. Nós como professores e a população também nos bairros - não vou nem falar que apenas a satisfação - mas eles usam e esperam já em diversas atividades, até como as viradas culturais e toda a programação que a gente tem cultural de Educação e outras atividades que a Prefeitura oferece. A sociedade já espera essa intersetorialidade. Acho que respondi tudo.

Complementando, de início a gente falou isso, que é o nosso dever - até porque a minha chefe deve estar ouvindo - a Secretaria de Cultura está de portas abertas, como sempre estive, para tantos os movimentos, as atividades e toda necessidade da sociedade civil e não

se faria diferente com um projeto, tão bom, quanto esse. Obrigada!

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Tamires. Passo a palavra a Sra. Karla. Karla você falou uma coisa que assim, tem que elogiar a Secretaria pela questão do voucher. Estive na Bienal e o tanto vi de professor e professora, foi fantástico, mas faria um adendo nessa questão, que seria legal e você levar como proposta a Secretaria, para o quadro de apoio também ganha receber o voucher. Temos todos os trabalhadores da unidade como educadores. Então acredito que seria muito legal o quadro de apoio também receber o voucher, que seria um incentivo para eles para eles estarem lá. Essa proposta seria muito boa, vocês discutirem na Secretaria.

A SRA. KARLA DE OLIVEIRA QUEIROZ – Sim, Toninho. A gente já levou ao nosso jurídico. Foi um aperto nos nossos corações - o Diretor está aqui - quando a gente viu que nós colocamos educadores no processo do voucher, e foi considerado, somente, o corpo docente. Para gente foi muito difícil. Não teve tempo hábil de mudar, porém para a próxima Bienal, a gente já tem isso como meta, porque nós, ficamos muito sentidos, por que nós consideramos todos com educadores. Então já está pensando aí e a Bienal também trouxe um pedido, de fazer uma feira literária. Então estamos pensando coisas para o ano, eventos para o ano que vem. Vamos conversar com o Plano Municipal de Educação e vamos pensar ações, não só para o professor mas para todos os educadores da rede.

Vamos lá. O nosso orçamento como ela disse aqui, ele é exclusivo para compra de livros. A gente não tem orçamento para manutenção de bibliotecas, porque não consideramos a sala de leitura como bibliotecas. Foi um orçamento considerado grande valor valores reais, porque nós temos muitos estudantes e muitos projetos. Então a nossa compra de livros foi no valor de 202 milhões de reais ano passado. Assinamos a nota de empenho no dia 30 de dezembro, de 202 milhões. Considerando todos os nossos estudantes. Livros literários. Livros para a educação. Esse foi o nosso orçamento pensando aí em comemoração dos 50 anos da sala de leitura. Vale lembrar gente, que a sala de leitura e nenhum momento ela quer ser uma biblioteca ou os professores, orientadores da sala de leitura eles querem ser bibliotecários. Acho

que isso é muito importante a gente frisar que a sala de leitura é um programa. Um programa antigo. É o programa mais antigo que existe e que está com continuidade até hoje. E por ser um programa que a gente vem desenvolvendo e a luta está por muitos anos na sala de leitura, ela dentro da nossa grade curricular. Então, em nenhum momento, a sala de leitura que já tem 50 anos e já está dentro da grade curricular e tantos anos dentro da Prefeitura, ela vem aqui para burlar a lei. Então acho que são palavras que a gente só precisa pensar. Estamos aqui para unir forças. Acredito que a gente precisa ter esse contato com o bibliotecário, com um professor orientador da sala de leitura, mas em nenhum momento, a gente deixar falar que um projeto vai burlar o outro, que é uma lei. Então a gente precisa pensar junto, como que nós conseguimos agora. Pensar nessa lei e não falar que um com projeto está ali presente, até hoje, para burlar a lei. Isso também gostaria de deixar aqui.

O grupo de trabalho que foi colocado, a gente vai levar a demanda para os nossos coordenadores....

A SRA. LUCIENE CIOFFI – Apenas para complementar, esse o valor que a Karla colocou a gente tem o projeto minha biblioteca. O projeto minha biblioteca, é um projeto que os livros são comprados para o estudante levar para casa. É um presente da rede municipal para estudante. Ele ganha dois títulos. Desde a educação infantil até a EJA, esse ano, está recebendo. Então todos os estudantes recebem esses dois títulos.

A SRA. KARLA DE OLIVEIRA QUEIROZ – Foi uma compra de 62 milhões para esses livros que não ficam na escola. Ano passado. Estamos trazendo tudo do ano passado...

A SRA. LUCIENE CIOFFI – Desde 2018 nós retornamos com esse projeto. É um projeto que iniciou em 2007. Com as mudanças de governo houve uma pausa, agora em 2018 houve o retorno do projeto minha biblioteca. Desde então, todos os anos, nós temos entregue nas escolas esses títulos para os nossos estudantes.

A SRA. KARLA DE OLIVEIRA QUEIROZ – É interessante falar mais uma diferença entre sala de leitura e biblioteca, até na aquisição desses livros. O professor não faz catalogação de livro na sala de leitura. Ele faz simplesmente um registro de quantos livros estão chegando,

para ter esse controle, até para a gente saber quanto tem no acervo. Mas acredito que o diferencial de uma biblioteca, é que esses livros eles são pensados, são comprados, porque os estudantes ali precisam mexer. O livro é preciso ir para a mão do estudante. A nossa orientação e toda nossa formação como professo, é que esse livro, ele não pode ficar parado em uma estante...

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. KARLA DE ALMEIDA QUEIROZ – Não, gente! Não estamos dizendo que não. Esse livro tem que ser usado, por isso que talvez todo ano a gente faz uma grande compra. Esse livro está sempre sendo repostado, porque pensando, principalmente, na educação infantil a gente não tem um controle tão grande, que se criança rasgar o livro, por algum momento levar para casa. Não tem essa cobrança, que a gente tem de retornar, de ter esse livro. Então por isso, para deixar bem claro, porque que a gente faz uma compra tão grande todos os anos. É uma reposição também dos nossos acervos.

A demanda do grupo de trabalho vamos levar para os nossos coordenadores, porque somos do corpo pedagógico da equipe técnica. Então estamos levando aqui para pensar nesse grupo de trabalho que foi sugerido para o próximo ano. E as demandas de Coceu também vou levar para o pessoal de Coceu. Só para vocês saberem nós somos da Coordenadora Pedagógica. A SME ela é pelo Fernando Padula, atualmente o Secretário e tem várias coordenadorias. Nós cuidamos do pedagógico, que é uma coordenadoria chamada Coped, e o Coceu, que é a coordenadoria dos CEUs, é outra coordenadoria que atualmente cuida dos CEUs, na consequência das bibliotecas. Hoje está acontecendo a premiação do professor emérito, o próprio Padula e outros professores estão lá nessa premiação, por isso que eles não estão aqui. Nós vamos levar para eles a demanda.

Ueliton, já tive uma reunião com os bibliotecários por causa da compra. A compra que você foi lá falar com o nosso Secretário, foi um orçamento, uma dotação onde a coordenadoria pedagógica fez um pedido ano passado e o orçamento foi aprovado pelos vereadores, nós pedimos uma verba para fazer um trabalho, um projeto de mediação literária na

educação infantil nas escolas mais periféricas, porque a gente estava com uma demanda de que precisava chegar mais informação e formação literária. E quando foi aprovado esse dinheiro, que foi feito para nós, no valor de 2 milhões e 300 mil, já está na fase de contratação desses mediadores, mas para fazer nas periferias, foi acertado lá que nós usaríamos os CEUs e para fazer mediação com literatura infantil os livros pensados tinham que ter mais livros de literatura infantil para esses mediadores fazerem essa formação. Esse foi o primeiro projeto, eu expliquei para o pessoal da compra. Então a gente pediu o Coceu para fazer essa lista. Nem todos os livros que foram indicados nós conseguimos comprar, porque tem toda daquela questão de editora. Editora que não vende um valor pequeno, só vende acima de alguns exemplares.

Então, só justificando, Ueliton, a gente já conversou com os bibliotecários explicando e para o próximo ano a gente pensou junto com Coceu de fazer um edital próprio para bibliotecas do CEU. Porque o nosso edital que é aberto todos os anos, são para as nossas escolas. Então a gente compra mais literários voltados para literatura infantil, para jovens e adultos. E pensar junto com Coceu fazer um edital específico para as bibliotecas. Então esse foi o acordo, acordado nessa reunião. Acho que foram só essas perguntas: pediram orçamento, compra dos CEUs...

A SRA. LUCIENE CIOFFI – A questão do TCA que a professora colocou. O TCA é atribuição que o professor tem na normativa uma complementação de jornada. Assim como o TCA faz parte da jornada de todos os professores que compõem o ciclo autoral. Na verdade, o POED pode complementar a jornada dele, mais como uma complementação também para poder fazer JEIF. Nunca tivemos assim uma reclamação com uma dificuldade disso, pelo contrário, os professores dão isso como uma alternativa bem bacana. Pois não!

- Manifestações fora do microfone.

A SRA LUCIENE CIOFFI – Perdão. Na Prefeitura os professores sabem que a gente usa muitas siglas, as vezes em casa mesmo. Nós usamos muitas siglas. O TCA é o trabalho colaborativo autoral. É um trabalho em que os estudantes fazem de término, seria um trabalho de conclusão de curso. Então eles vão fazer esse trabalho, escolhem um tema para fazer uma pesquisa e durante o término do sétimo, oitavo, nono ano eles começam a se preparar. Eles

escolhem um assunto, fazem grupos. Aí eles têm professor que coordena, o orientador. Na verdade, a gente pede sempre que todos os professores se envolvam nessa pesquisa. Temos tido trabalhos, agora no final do ano começam as apresentações, trabalhos belíssimos. Pesquisas. Eles estão buscando assuntos muito interessantes. Então o professor de sala de leitura e o professor orientador de tecnologia que é o POED - que também não expliquei para vocês - eles complementam a carga horária deles para poder fazer a JEIF que também é outra sigla, a jornada, que é uma reunião que fazemos diariamente, isso é para complementar a carga do professor. Era uma forma do professor poder complementar também. Existem mudanças. A gente sempre discute com os professores. Na maioria das vezes os professores gostam muito de fazer essa complementação com o TCA. Tem mais algum assunto Karla?

O SR. PRESIDENTE (Toninho Vespoli) – Sra. Ana, pediu a palavra?

A SRA. ANA CLAUDIA MARTINS – Apenas para deixar uma coisa bem explícita.

Nós bibliotecários trabalhamos com a parte técnica assim, mas também trabalhamos com a formação de acervo. Desenvolvemos políticas de formação de acervo. A biblioteca escolar dialoga totalmente com projeto pedagógico da escola. Nós profissionais bibliotecários formamos. Somos técnicos sim, mas também atuamos com a formação e com a formação de acervo.

E sobre a questão que os colegas falaram em burlar a sala de leitura, de burlar a biblioteca, eu fico muito feliz de vocês falarem que não tem essa finalidade, porque vou falar do meu trabalho como conselheira do Conselho Municipal de Biblioteconomia, até da outra gestão que atuei, e várias vezes que iríamos conversar com Secretários, com Prefeitos ou com pessoas da área da educação, falavam: a gente não precisa de biblioteca, porque já tem a sala de leitura. A gente ouviu isso muito, mas muito mesmo.

E quando a senhora falou que não tem essa finalidade, me encheu o coração e eu quero acreditar muito nisso e estar atuando com vocês para fazer essa melhoria. E outra, não só a melhoria, a formação, o que vai beneficiar a sociedade, mas também cumprir a lei que existe.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vera, você quer fazer um

informe, para eu poder encerrar?

A SRA. VERA LÚCIA STEFANOV – Como na sala tem a diretora do curso de Biblioteconomia da Fundação Sociologia e Política, que é professora, e também tem alunos que vão se formar e entrar no mercado de trabalho, quero dizer que o piso salarial, através do nosso Sindicato, para os recém-formados passou a ser 3.896 e para os auxiliares de biblioteca e arquivo recém-formados e pessoas estudantes está 2.696.

Essa é uma informação que eu quero dar, para vocês passarem para os seus colegas na universidade. E se associem, gente, porque estar no sindicato e obviamente nós estamos num trabalho em parceria com o conselho, é importante para o profissional, para que nós da categoria sejamos cada vez mais fortes e uma sociedade muito melhor do que esta que a gente está vivendo.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Vera.

Gente, o Ueliton pediu a palavra, só para dar um recado rápido. Sei que tem outras pessoas que querem dar recado, mas eu tenho realmente que fechar a audiência pública. Então, vamos fazer um acordo: o Ueliton faz essa última intervenção e eu fecho a audiência, porque a Casa tem horário também. Por mim, eu ficaria aqui a noite inteira, mas o problema é o horário da Casa.

O SR. UELITON DOS SANTOS ALVES – Obrigado, Toninho. Na realidade, eu queria fazer uma pergunta, mas acho que, pelo adiantado da hora, eu quero apenas estabelecer esse diálogo com a SME e ver a possibilidade de um encontro, porque foram chegando perguntas agora. Quero deixar claro que a todo momento, enquanto estava aqui, estava em contato com os bibliotecários que não puderam vir, essas demandas foram surgindo e não deu tempo de perguntar.

Mas eu gostaria de solicitar para a SME o compromisso de que a gente possa fazer a sugestão do nosso colega, que é o GT, e que possa ter a participação da sociedade civil nesse GT ou que a gente, a princípio, enquanto o GT não está instituído, que tenha algumas reuniões,

tendo como participação o CRB, o Plano Municipal de Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca, porque não sou apenas eu, tem oito representantes, representando diversas áreas da questão da literatura, do livro, da leitura; e a partir dessas conversas a gente pode pensar na criação desse GT. Mas eu gostaria de ter esse compromisso verbalizado com a Secretaria de Educação.

Eu sei que hoje a discussão era com relação às bibliotecas escolares, mas eu trouxe a questão das bibliotecas dos CEUs, porque tem bibliotecas já em funcionamento e para pensar em bibliotecas escolares, a gente precisa fortalecer as que já têm, que estão funcionando e pegar alguns modelos que já funcionam.

A Secretaria Municipal de Cultura tem um modelo de bibliotecas que funciona e ele não é replicado para os CEUs, o que faz com que a gestão que, a princípio, é compartilhada e intersetorial, como a Tamiris colocou, pareça estar falha, porque as bibliotecas dos CEUs não se sentem representadas, pelo contrário, há um tratamento diferente, diferenciado com as bibliotecas que pertencem à Secretaria de Cultura e as da SME. Por exemplo, o fato que foi colocado aqui que as bibliotecas dos CEUs recebem programação cultural a partir da SMC, nem sempre é o que acontece. Na grande maioria, a programação cultural levada para as bibliotecas do CEU é feita pela SME.

Então essa diferença de tratamento é que deixa os bibliotecários um pouco revoltados e eu faço essa fala querendo esse compromisso com a SME para a gente desenvolver melhor esse diálogo.

Obrigado, Toninho. Obrigado a todas as pessoas.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Como falado, elas não têm essa autonomia. Elas vão levar essa questão para as suas Secretarias. Eu posso falar da reunião que eu tive com o Secretário Adjunto. Eu já levei essa problemática para outros Secretários e, vou falar a verdade, não senti – como a periferia fala – firmeza. Agora, com o Bruno, eu senti realmente que ele vai desenvolver essa discussão na SME.

Eu sei que a Aline também está escutando, e a representante da Aline está falando que a Secretaria está aberta. Eu acho que a Câmara Municipal, o Sindicato, o CRB, a sociedade

civil e outras, todo mundo está querendo melhorar e colaborar. É só isso. Então eu acho que não vai ter dificuldade.

A gente fez um grupo de trabalho com o pessoal da saúde para discutir o Cecco. O nosso mandato, o da Luiza Erundina com vários profissionais do Cecco. Todas as propostas da sociedade civil não foram acatadas 100%, mas 80; e eu acho que funciona assim mesmo. Tem coisas que dependem da legislação e mesmo que a administração ache certo, vai ser de difícil implementação. Mas conseguimos chegar em 80% de consenso, que acho bastante razoável para melhorar a política pública.

Então eu acho que essa é a intenção aqui. Eu me comprometo com vocês a abrir um processo SEI pedindo uma reunião com as duas Secretarias juntas, com a sociedade civil. O processo SEI vai ter que dar uma resposta. Assim dá tempo de elas dialogarem, cada uma na sua Secretaria.

Eu senti o Secretário Bruno a ponto de a gente quase marcar uma reunião específica só para discutir biblioteca. Foi uma reunião de três horas, em meia hora tratamos da questão das bibliotecas. Tinha muito mais coisa para falar e ele sentiu isso e estava bem apto a querer dialogar mais sobre as questões da biblioteca. Então eu acho que com a Aline e com o Bruno, a gente como avançar e dialogar. Eu estou apostando nisso, para a gente conseguir melhorar as bibliotecas no geral, tanto as ligadas à educação como as ligadas à cultura. Está bem? Eu me comprometo a isso e posso repassar para algumas lideranças o número do processo SEI para que as pessoas possam olhar no sistema. Está bem?

Quero agradecer a todos e todas: sociedade civil, sindicato, conselhos regionais, o pessoal que veio representando as duas secretarias, estudantes.

Declaro realizada a audiência pública. Estão encerrados os nossos trabalhos.

Obrigado. Boa noite. (Palmas)